



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS - FACALE  
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS

---



**JEFFERSON MACHADO BARBOSA**

**OLHARES INVESTIGATIVOS SOBRE A FRONTEIRA INTERNACIONAL DE  
ARAL MOREIRA/BRASIL COM O DEPARTAMENTO SANTA  
VIRGINIA/PARAGUAI: UM ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO**

**DOURADOS/MS  
MARÇO/2015**

**JEFFERSON MACHADO BARBOSA**

**OLHARES INVESTIGATIVOS SOBRE A FRONTEIRA INTERNACIONAL DE  
ARAL MOREIRA/BRASIL COM O DEPARTAMENTO SANTA  
VIRGINIA/PARAGUAI: UM ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras Faculdade, da Universidade de Federal da Grande Dourados, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Ceres Pereira.  
Área de Concentração: Linguística e Transculturalidade.

**DOURADOS/MS  
MARÇO/2015**



**Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras: Linguística e Transculturalidade**

Dissertação intitulada: *Olhares Investigativos Sobre a Fronteira Internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai: Um Estudo de Caso Etnográfico*, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Presidente e orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Ceres Pereira (FACALES/UFGD - UNILA).

---

1º Membro examinador (Titular): Prof<sup>a</sup>. Dr. Jones Dari Goettert (UFGD).

---

2º Membro examinador (Titular): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita Aparecida de Cássia Pacheco Limberti (UFGD).

---

3º. Membro examinador (Suplente): Prof<sup>a</sup>. Dr. Andrébio Márcio da Silva Martins. (FACALES/UFGD).

Aral Moreira, Meu Lugar!

Uma cidade pacata  
Com seu ritmo de vida peculiar;  
Essa região me encanta;  
Certamente, a fronteira é singular!  
No seu interior, encontram-se diversidades  
Como qualquer outro lugar;  
Minha terra querida, venham apreciar!  
Intitulada Aral Moreira,  
Índios, paraguaios e brasileiros se misturam neste belo lugar.

O povo dessa região é caracterizado como hospitaleiro;  
Na culinária, as mulheres mostram os seus dotes regionais  
Como, por exemplo, no arroz de carreteiro.  
Hereditariedade que vai passando de geração a geração,  
Até convidam os turistas para comer sopa paraguaia, chipa, coquito;  
Acompanhado de um delicioso café ou chimarrão.  
O produtor experiente;  
Planta soja e outros soldados verdes enfileirados;  
Contribuindo para o sustento de toda essa gente.

Mulheres guerreiras, moças de fé;  
A religiosidade é viva  
Na cidadezinha do tereré.  
A música e a dança têm lugar especial,  
A katchaka, o chamamé, a guarânia e a polca;  
Todos dançam nesse local.

Das ruas de Aral Moreira vou me despedindo,  
Mas no meu Mato Grosso do Sul vou ficando;  
Com a saudade em meu interior,  
Agradecendo imensamente ao Criador.  
(Jefferson Machado Barbosa).

BARBOSA, Jefferson Machado. *Olhares Investigativos Sobre a Fronteira Internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai: Um Estudo de Caso Etnográfico*. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, 2015.

**RESUMO:** Com esse estudo etnográfico procurei apresentar como duas docentes de língua portuguesa do Ensino Fundamental de duas escolas públicas da fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virgínia/Paraguai “enxergam” e percebem a realidade bilíngue de seu contexto de trabalho. Além disso, busquei traçar um Panorama Histórico da região em estudo. Trata-se de uma pesquisa etnográfica qualitativa, do tipo estudo de caso, com significativa permanência no campo. Também com afastamentos do próprio campo para poder “estranhá-lo e perceber sutilezas invisibilizadas pela permanência e pela familiaridade uma vez que, o próprio pesquisador também é oriundo do campo pesquisado”. A etapa de constituição do *corpus* consistiu-se de três momentos, entrevista estruturada, análise do texto corrigido pelas professoras e, posteriormente, entrevistas narrativas com as docentes. Na análise de dados nos apoiamos, especialmente, em Erickson (1990a/1992b/1988c) para realizar a Triangulação de Registros e /ou de Dados coletados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fronteira; Bilinguismo; Ensino; Etnografia

**RESUMEN:** Con este estudio etnográfico yo trato de presentar como dos profesores de lengua portuguesa de la escuela primaria de dos escuelas públicas de la frontera internacional de Aral Moreira/Brasil con el Departamento de Santa Virginia/Paraguay "observan" y darse cuenta de la realidad bilingüe de su contexto de trabajo. Además, he intentado dibujar un Antecedentes históricos de la zona de estudio. Se trata de una investigación etnográfica cualitativa, tipo estudio de caso, con estancia significativo en el campo. También con las autorizaciones del campo mismo con el fin de "extraño y realizar sutilezas invisibilizaron la permanencia y la familiaridad ya que el investigador también viene del campo investigado." La constitución del corpus consistió paso hasta tres veces, entrevistas estructuradas, análisis de textos corregidos por los profesores y entrevistas más tarde narrativos con los maestros. En el análisis de los datos nos basamos en, sobre todo en Erickson (1990a/1992b/1988c) para realizar los registros de triangulación y / o los datos recogidos

**PALABRAS-CLAVE:** Frontera; Bilinguismo; Educación; Etnografía

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD

999 Barbosa, Jefferson Machado.

V123e

Olhares investigativos sobre a fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virgínia/Paraguai: um estudo de caso etnográfico./ Jefferson Machado Barbosa. – Dourados, MS: UFGD, 2015.

138p.

Orientadora: Profa. Dr. Maria Ceres Pereira

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Fronteira. 2. Bilinguismo. 3. Ensino. 4. Etnografia. I. Título.





**UFGRD**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM LETRAS

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA PELO CANDIDATO JEFFERSON MACIADO BARBOSA, ALUNO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO "LINGÜÍSTICA E TRANSCULTURALIDADE", REALIZADA NO DIA 13 DE MARÇO DE 2015.

Aos treze dias do mês de março de dois mil e quinze, às quatorze horas e trinta minutos, em sessão pública, realizou-se na Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada "*Olhares investigativos sobre a fronteira internacional de Aral Moreira / Brasil com o departamento Santa Virginia / Paraguai: um estudo de caso etnográfico*" apresentada pelo mestrando JEFFERSON MACIADO BARBOSA, do Programa de Pós-Graduação em LETRAS, à Banca Examinadora constituída pelos membros: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Ceres Pereira - FACA/E/UFGRD (presidente/orientadora), Prof. Dr. Jones Dari Goether-FCH/UFGRD (membro titular) e Prof.<sup>a</sup> Dra. Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti - FACA/E/UFGRD (membro titular). Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer a candidata e aos integrantes da Banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após a candidata ter apresentado a sua Dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido o candidato considerado Aprovado, fazendo jus ao título de MESTRE EM LETRAS. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Dourados, 13 de março de 2015.

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Ceres Pereira

Prof. Dr. Jones Dari Goether

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti

ATA HOMOLOGADA EM: 13/03/2015, PELA PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA / UFGRD.

Prof. Cláudio Alves de Vasconcelos  
Pró-Reitor de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa  
Matr. n. 0432923

Dedico este trabalho aos meus pais, Eva Machado Barbosa e Valdir Caoni Barbosa; aos meus irmãos, Cristiane Machado Barbosa, Camila Machado Barbosa e Jackson Machado Barbosa; aos meus sobrinhos, João Filipi Barbosa Marques, Gabriel Barbosa Marques e Vinícius Machado Caoni; e a toda comunidade da fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que de alguma maneira, ao seu jeito e ao seu tempo, colaboraram para a execução dessa pesquisa. Especialmente agradeço:

- A minha querida e eterna “mãe acadêmica”, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Ceres Pereira por ter aceitado o desafio de me orientar, pelas oportunidades de intercâmbio com outros pesquisadores, sobretudo pela confiança;
- A família de Maria Ceres Pereira, Jaqueline, Rinaldo, Victória, pessoas especiais;
- Professores e Funcionários das Escolas Investigadas, pela cordialidade no tratamento que tiveram comigo durante as intervenções etnográficas;
- Toda comunidade da fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virgínia/Paraguai, pela acolhida e por permitir essa experiência etnográfica;
- As professoras de língua portuguesa da fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com a Microrregião da Cardia/Paraguai que, prontamente, aceitaram participar da pesquisa;
- Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados, professores e funcionários; em especial, à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Pacheco Limberti;
- Aos professores da UEMS, Elza, Maria José, Marineide, Milenne, Grazielli e demais mestres que sempre depositaram confiança em mim, impulsionando-me a seguir em frente na carreira acadêmica;
- Aos meus colegas de mestrado, em especial, Thaize, Cleide, Rosa, Fernanda e a Carolina, pelas discussões que se mostraram pertinentes durante a caminhada acadêmica;
- A CAPES, pelo apoio financeiro concedido;
- Aos meus amigos, Ronaldo, Agleis, Rodrigo, Maria José, Wilian Alex, Renata, Joicy, Tayris, Diogo, Bruna e demais colegas que compartilham de meus anseios durante a caminhada acadêmica;
- A todos e a todas que, de certa maneira, contribuíram para a concretização deste trabalho, muito obrigado!

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1•</b>	Mapa de Mato Grosso do Sul	<b>19</b>
<b>Figura 2•</b>	Composição familiar antiga	<b>31</b>
<b>Figura 3•</b>	Composição familiar antiga	<b>31</b>
<b>Figura 4•</b>	Chegada de caravanas gaúchas	<b>32</b>
<b>Figura 5•</b>	Barracão da Companhia Mate Laranjeira	<b>33</b>
<b>Figura 6•</b>	Transporte com lotação de mudas de erva-mate	<b>33</b>
<b>Figura 7•</b>	Implantação de Serrarias	<b>38</b>
<b>Figura 8•</b>	Mecanização na agricultura	<b>43</b>
<b>Figura 9•</b>	Chegada de gaúchos e paranaenses	<b>43</b>
<b>Figura 10•</b>	Presença de portugueses na região da Vila Fronteira Rica	<b>45</b>
<b>Figura 11•</b>	Presença gaúcha na região da Vila Fronteira Rica	<b>45</b>
<b>Figura 12•</b>	Frente da Escola de I Grau João Vitorino Marques	<b>47</b>
<b>Figura 13•</b>	Fundos da Escola de I Grau João Vitorino Marques	<b>47</b>
<b>Figura 14•</b>	Dança típica da região: Arara	<b>48</b>
<b>Figura 15•</b>	Clube Social Presidente Dutra	<b>48</b>
<b>Figura 16•</b>	Brasão do município de Aral Moreira/Brasil	<b>52</b>
<b>Figura 17•</b>	Bandeira do município de Aral Moreira/Brasil	<b>53</b>
<b>Figura 18•</b>	Primeiro Posto de Combustível: Ipiranga- Auto Posto Fronteira LTDA	<b>58</b>
<b>Figura 19•</b>	Solenidade de Inauguração da Praça Felisberto F. Marques	<b>60</b>
<b>Figura 20•</b>	Interior da Biblioteca Pública de Aral Moreira/Brasil	<b>60</b>
<b>Figura 21•</b>	Projeto: Natal do Carente em Aral Moreira/Brasil	<b>62</b>
<b>Figura 22•</b>	Projeto: Natal do Carente em Aral Moreira/Brasil	<b>62</b>
<b>Figura 23•</b>	Cartaz da 1ª Festa do Peão Boiadeiro de Aral Moreira/Brasil	<b>63</b>
<b>Figura 24•</b>	Rainha; 1ª Princesa e 2ª Princesa da 1ª Festa de Peão Boiadeiro de Aral Moreira/Brasil	<b>63</b>
<b>Figura 25•</b>	Placa do Projeto intitulado: “Feira do Produtor	<b>64</b>
<b>Figura 26•</b>	Feira do Produtor em Aral Moreira/Brasil	<b>64</b>
<b>Figura 27•</b>	Fanfarra Municipal de Aral Moreira/Brasil	<b>65</b>
<b>Figura 28•</b>	Solenidade Cívica na Praça das Cuias em Aral Moreira/Brasil	<b>65</b>

<b>Figura 29•</b>	Solenidade: Personagens Ilustres de Aral Moreira/Brasil	<b>71</b>
<b>Figura 30•</b>	Solenidade: Personagens Ilustres de Aral Moreira/Brasil	<b>71</b>
<b>Figura 31•</b>	Mapa das Cidades Gêmeas	<b>73</b>
<b>Figura 32•</b>	Departamento Santa Virgínia/Paraguai	<b>74</b>
<b>Figura 33•</b>	Escola de Fronteira em Aral Moreira/Brasil I	<b>81</b>
<b>Figura 34•</b>	Escola de Fronteira em Aral Moreira/Brasil II	<b>81</b>
<b>Figura 35•</b>	Produção textual escrita cedida pela professora Laura	<b>114</b>
<b>Figura 36•</b>	Produção textual escrita cedida pela professora Sofia	<b>126</b>

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

- Quadro 01•** Mapeamento dos Aspectos Culturais de Aral Moreira/Brasil – **99**  
Departamento Santa Virginia/Paraguai

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIA	Companhia Erva-Mate
FACALE	Faculdade de Comunicação, Artes e Letras
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
NURC	Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro
SEPLAN	Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico
SP	São Paulo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UNIGRAN	Centro Universitário da Grande Dourados

## LISTA DE SÍMBOLOS – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	Num vortava mai num tinha dinheru ( ) i a genti guentô
Hipótese do que se ouviu	<b>(hipótese)</b>	Us mininu tãu aí... um trabaia de motoris otru (trabaia) pur conta
Trucamento de palavras	/	I quanu mesmu era PA nós ca/nóis da us nomi
Entonação enfática	<b>Maiúscula</b>	Trabaiei aTÉ casá
Prolongamento de vogais e/ou consoantes	<b>:: ou :::</b>	U donu mesmu era::: isqueci u nomi deli...ah:::achu qui é Antonhu
Silabação	- - -	A genti cresceu me-dron-ta-du dus pais
Interrogação	?	Pu cê vê comu era u pessoar di antigo pra agora né?
Comentários do transcritor	<b>((minúscula))</b>	((risos))
Comentário que quebra a sequência da exposição do tema	- - - -	A genti – nói somu crenti - - a genti si viu i gosto
Sobreposição de vozes ou entrada indevida	[	A. Pra::: ficá lisinhu B. [a pu chãu ficá.... A. [parei B.pareinhu pa prantá

### OBSERVAÇÕES:

- 1- Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou siglas.
- 2- Números: transcrevem-se por extenso.
- 3- Não se usa ponto de exclamação.
- 4- Início de frase: usam-se letras minúsculas.
- 5- Registram-se as pronúncias do e e do o como realmente são pronunciados.
- 6- Nada se corrige na transcrição do texto gravado.

Em função da ética e do sigilo, optou-se por utilizar siglas para designar os informantes, em descrição sintética das siglas assim distribuídas: 1: número do informante; Sexo: M(masculino) ou F(feminino) e Estado Civil: C(casado/a),

S(solteiro/a), V(viúvo/a) e D(divorciado/a). As entrevistas foram transcritas de acordo com as normas de transcrição do Projeto NURC/SP, Projeto desenvolvido em cinco capitais do Brasil com o objetivo de analisar o português padrão falado por informantes com nível universitário de escolaridade, com algumas adaptações para a linguagem popular falada.

## SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	17
INTRODUÇÃO.....	19
PARTE I.....	23
CONTEXTO EM ESTUDO – PANORAMA HISTÓRICO.....	23
Capítulo 1 – Um Olhar Panorâmico Sobre o Campo da Pesquisa.....	23
1.1. Breve Toponímia da Região em Estudo.....	24
1.2. Bases para o Estudo da Fronteira Internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai: Memórias e Histórias de Nossa Gente.....	27
1.3. (Re) visitando outras épocas: A Formação de Rio Verde do Sul: O Ciclo da Erva-Mate, 1.883 a 1.940.....	28
1.4. A Colônia General Dutra e a Vila Fronteira Rica, 1.940 a 1.975.....	37
1.5. A fronteira Internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, 1.976 a 2014: a efetivação político-administrativa da região.....	49
Capítulo 02 – Desenhando os Passos de Pesquisa.....	73
2.1. Considerações Preliminares.....	73
2.2. Cenas Etnográficas.....	73
2.3. Cena I: Do ingresso ao programa de mestrado ao reconhecimento da comunidade: perspectivas iniciais sobre o Objeto de Estudo.....	73
2.4. Cena II: Da reformulação do anteprojeto a transição do objeto de estudo: reflexões.....	75
2.5. Cena III: Negociando o campo de pesquisa: Perspectiva Metodológica Etnográfica.....	81
2.6. Cena IV: A elaboração do capítulo 01 e a entrevistas com pioneiros da região: A escrita inicial da Dissertação de Mestrado.....	84
2.7. Cena V: A realização de entrevistas com as docentes de língua portuguesa da Fronteira: Etnografia Escolar.....	90
PARTE II.....	90
CONSTRUINDO O ARCABOUÇO TEÓRICO.....	90
Capítulo 3 – Fronteira, Sociolinguística, Bilinguismo e Identidade.....	90
3.1. Fronteira.....	90
3.2. Sociolinguística: Contribuições para o ensino de língua portuguesa brasileira ..	95
3.3. O Perfil da Região em Estudo: Fronteira Internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai.....	100
4. Bilinguismo.....	105
5. Identidade.....	109

PARTE III .....	113
A VISÃO DAS DOCENTES DA FRONTEIRA COM RELAÇÃO AOS ALUNOS BRASIGUAIOS, INDÍGENAS E PARAGUAIOS .....	113
Capítulo 4 – Considerações Iniciais para a Análise .....	113
4.1. O Caso de Laura: conhecendo o perfil profissional da docente .....	114
4.2. A Percepção de Laura com relação à Produção Textual Escrita dos alunos da fronteira .....	116
4.3. Entrevista Narrativa com a professora Laura .....	124
4.5. O Caso de Sofia: conhecendo o perfil profissional da docente .....	126
4.6. A Percepção de Sofia com relação à Produção Textual Escrita dos alunos da fronteira .....	128
4.7. Entrevista Narrativa com a professora Sofia .....	131
Considerações em processo .....	135
REFERÊNCIAS .....	138
ANEXOS: PARTE I	
ANEXOS: PARTE II	

## INTRODUÇÃO

... sou fronteiriço e me gavo da sorte  
por ser mestiço de raça tão forte  
sou paraguaio também brasileiro  
porque o coração não conhece fronteiras...  
(Compositores: Délio e Delinha. Música: Fronteira).

A minha vivência na fronteira me permitiu, ao longo dos anos, uma condição peculiar: a de ser fronteiriço. Situada na fronteira meridional de Mato Grosso do Sul, a cidade de Aral Moreira/Brasil está separada do Departamento Santa Virginia/Paraguai por marcos que, estabelecidos ao longo da linha internacional que separa Aral Moreira, simbolizam uma linha de divisão imaginária. Na prática, na maioria das vezes, essa divisão imaginária passa despercebida e até ignorada, pois o cotidiano permite que o “ir” e “vir” seja dinâmico, tornando a linha internacional que divide as duas cidades de países diferentes uma passagem de intensa transição.

Reconhecer como sujeito fronteiriço implica ir além do reconhecimento de posição geográfica, ou seja, reconhecer-se como sujeito da fronteira é ter consciência de que a todo o momento estamos sujeitos a contatos e influências de outros lugares, outras pessoas, outras culturas que, de certa forma, acrescentam a “cultura materna”.

Tendo em vista os elementos para eu me reconhecer como sujeito fronteiriço, é importante destacar que as línguas assumiram papel significativo nesse processo, pois não há na fronteira somente o intercâmbio de pessoas, mas também de línguas. Como aralmoreirense e filho de pais “brasileiros”, minha mãe de ascendência paraguaia e meu pai italiano, o guarani para mim era a língua de índios, povos distantes de minha realidade, portanto, a fronteira entre mim e a língua guarani era distante, ao passo que a condição de estar na fronteira me colocava mais próximo da língua guarani. O espanhol, por sua vez, era mais próximo, pois a escola ofertava a língua, então, a língua espanhola, mais tarde resgatada na graduação, tornou-se minha segunda língua.

O fato de o espanhol ser língua predominante na fronteira, essa relação com a língua me fez optar pela habilitação em língua espanhola, durante a graduação em letras habilitação português e espanhol (UEMS). Desde então passei a olhar como pesquisador para o cenário da fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, por isso, posso afirmar que a etnografia tem sido parte de meu olhar, ora de morador, ora de aluno, ora de pesquisador, dentre outras posições que assumi durante, pelo menos, vinte e quatro que residi na fronteira em foco.

Durante a minha alfabetização tive somente cartilhas e livros em língua portuguesa, o que contribuiu para confirmar mais tarde a ausência de uma política linguística diferenciada e a falta de reconhecimento de uma escola intercultural bilíngue. Por outro lado, viver na fronteira me possibilitou escolher entre quais rádios ouvir, de Aral Moreira ou do Departamento Santa Virginia e, automaticamente, ouvir músicas em português, guarani ou espanhol. As festas de meus familiares com a presença de culinária e músicas paraguaias fez com que, aos poucos, eu fosse (re)conhecendo o universo fronteiriço.

Situada na linha de pesquisa “Linguística e Transculturalidade”, na qual se discute à(s) língua(s) em diferentes culturas, a dissertação que desenvolvi toma como aporte teórico-metodológico os estudos relativos à Etnografia Escolar cujo objetivo é a descrição de um povo. No aspecto teórico utilizamos, principalmente, aos estudos referentes à Sociolinguística Educacional, que tem como intuito partir do princípio de uma pedagogia culturalmente sensível para/com a sala de aula, considerando, assim, a variação linguística existente dentro do contexto escolar.

Compreendendo que a Sociolinguística Educacional tem maximizado a heterogeneidade linguística no cenário escolar, eu pretendi investigar se e de que forma as docentes de língua Portuguesa do Ensino Fundamental de duas (02) escolas da rede pública da fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai percebem a realidade bilíngue de seu contexto de trabalho. Além disso, pretendi documentar o Panorama Histórico da região em estudo, como forma de contribuir na (re)construção de outras épocas.

O trabalho está dividido em três partes. Na primeira parte, capítulo 1, é apresentado, por meio da triangulação de registros, o Panorama histórico do município de Aral Moreira/Brasil, desde o período de Rio Verde do Sul até sua emancipação político-administrativa ao qual a cidade passou a denominar-se Aral Moreira.

O capítulo 2, é expandido os passos de pesquisa, para tanto, denominamos de “Cenas Etnográficas”, o capítulo é responsável por expandir como foi o desenvolvimento da pesquisa, desde a ideia inicial do projeto até a reformação do objeto de estudo. Apresentamos, ainda, alguns postulados da Etnografia, já como ciência e metodologia de pesquisa, seguindo as orientações de Erickson (1984/1990/1992).

A segunda parte, capítulo 3, gira em torno da construção do arcabouço teórico. Desse modo, apresentamos alguns conceitos de Fronteira; de Bilinguismo; Noções de

Sociolinguística em uma perspectiva educacional, centrados em Stella Maris Bortini-Ricardo e por fim alguns conceitos de Identidade.

Por fim, a terceira parte, capítulo 4, é apresentada a discussão de dados, por meio da triangulação de Registros e/ou Dados proposta por Ericksson (Op.cit), além disso, apresentamos o estudo de caso das duas professoras analisadas, Laura e Sofia.



## PARTE I

### CONTEXTO EM ESTUDO – PANORAMA HISTÓRICO

#### Capítulo 1 – Um Olhar Panorâmico Sobre o Campo da Pesquisa

Este capítulo explicita o Panorama histórico da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai<sup>1</sup>, região situada ao sudoeste de Mato Grosso do Sul. Considerando, assim, os principais acontecimentos históricos da região de fronteira entre Brasil e a República do Paraguai.

Antes é importante destacar que, o Departamento Santa Virginia, região popularmente conhecida como Cardia, refere-se a um pequeno departamento situado na República do Paraguai, departamento de Pedro Juan Caballero. Não se sabe, ao certo, o porquê recebeu a designação de “Cardia” entre os pares que habitam a região. A partir do olhar etnográfico, verifica-se que essa Microrregião ou Departamento Santa Virginia/Paraguai possui aproximadamente cinquenta (50) famílias, mescladas entre: indígenas, paraguaias, brasileiras e “brasiguaias” (/bra/ brasileiro; /guaias/ paraguaio: sujeitos com dupla nacionalidade). Sua composição arquitetônica conta com uma igreja, casas de madeira e instalação da Força de Segurança Internacional, ao qual contribuiu significativamente para a segurança, na época em que a região era Colônia General Dutra/Brasil.

O interesse em considerar a história da região em estudo, em primeira instância, deu-se pelo respeito que tenho a minha terra natal, sobretudo, as pessoas que habitam tal localidade. Outro fator motivador foi à ausência de informações, publicações. Ou seja, de registros documentados com relação à história do desbravamento histórico da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento de Santa Virginia/Paraguai. Nessa perspectiva, o que existia, até então, eram textos isolados, dessa forma, era necessário juntá-los e, posteriormente estruturá-los, de modo a compor um Breve Panorama Histórico da região, objetivo principal deste capítulo.

A constituição do *corpus* para elaboração do capítulo 01 é composto por três eixos, considerados os pilares que sustentam o capítulo, quais sejam: I - entrevistas

---

<sup>1</sup> A Secretaria Municipal de Educação de Aral Moreira autorizou o uso do nome do município. Desse modo, tal comunidade de estudo será apresentada com seu próprio nome por autorização da secretária de educação. (ANEXOS: PARTE I. ANEXO 01). Segundo secretária municipal de educação, é de extrema relevância documentar a história do município. É uma forma de valorizar a vozes de pioneiros da região.

narrativas com alguns sujeitos considerados pioneiros da região, por meio do método de tradição oral<sup>2</sup>; II - trabalhos correlatos: Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC; Monografias; Matérias em Revistas e Artigos científicos, que tratam, especificamente, do histórico da Fronteira em foco e III - documentos oficiais, tais como: Atas, Ofícios, Fotos e Jornais antigos<sup>3</sup>.

Ao que se refere à análise do *corpus*, é imprescindível destacar que associo toda uma vivência minha particular dentro de uma cultura de fronteira, usando a minha percepção interpretativista com relação aos dados coletados, além de trabalhos antecedentes relativos à fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento de Santa Virginia/Paraguai, guiados na graduação pelos professores: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria José de Toledo Gomes; Prof<sup>a</sup>. Me. Marineide Cassuci Tavares e pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elza Sabino da Silva Bueno. E, posteriormente orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Ceres Pereira, no Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados.

Sigo, ainda, as orientações de “Triangulação de Registros”, com base na etnografia americana proposta por Frederick Erickson (1990/1992b/1988c), para interpretar o *corpus*, dividido em três eixos centrais, que compõe o capítulo 01.

### **1.1. Breve Toponímia da Região em Estudo**

A princípio, antes de tratar, especificamente, da formação da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento de Santa Virginia/Paraguai, situada ao sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, para melhor compreensão, é necessário apresentar, com base em dados coletados durante a nossa pesquisa de campo, uma árvore genealógica do percurso toponímico que esta região de fronteira recebeu ao longo dos trinta e oito (38) anos de sua existência.

---

<sup>2</sup> Entrevistas realizadas entre os meses de outubro a novembro de 2013, com 08 sujeitos considerados pioneiros da região. Nos ANEXOS-PARTE II, no ANEXO 01, pode ser observada parte do *corpus*.

<sup>3</sup> A autorização para a aquisição de documentos oficiais em departamentos públicos de Aral Moreira pode ser observado nos ANEXOS: PARTE I. ANEXO 02. Ao todo, adquirimos cerca de trezentas (300) fotos, doadas pelos órgãos públicos: Prefeitura, Câmara, Cartório, Secretaria de educação e instituições de ensino. Algumas fotos foram, ainda, gentilmente cedidas por alguns pioneiros entrevistados da região. Também é importante ressaltar que o critério de seleção de fotos adotado foi, no primeiro momento, a divisão, conforme período estabelecido, sendo eles: Rio Verde do Sul; Colônia General Dutra; Vila Fronteira Rica e Aral Moreira. E, em seguida, selecionamos para compor o capítulo 01, as fotos que tinham traços em comum, ou seja, pessoas e paisagens (casas, carros, dentre outros), que ilustram outras épocas.



Departamento Santa Virginia/Paraguai. Desse modo, enquanto se desenvolvia o “lado brasileiro”, isto é, o Rio Verde do Sul com o Ciclo da Erva-Mate, o “lado paraguaio”, ou seja, o Departamento Santa Virginia também progredia, sobretudo contribuindo com mão de obra especializada de paraguaios para a constituição do atual município de Aral Moreira. É importante frisar, ainda, que houve uma distinção geopolítica no desbravamento de ambos os países, mas, não social, ideológica, linguística e religiosa, pois o “ir” e “vir” entre brasileiros e paraguaios era comum, principalmente por motivos de trabalho.

Freire (2013, p.01) nos confirma o primeiro nome da fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai ao ressaltar que: “O primeiro nome foi Rio Verde do Sul onde a sede do povoado ficou conhecida por Vila Caú”. Com sabe nessa informação, podemos afirmar que o atual Distrito de Rio Verde do Sul pode ser considerado a primeira região a ser desbravada pelos ervateiros, no Ciclo da Erva-Mate. Por isso, durante muito tempo, a região do Rio Verde do Sul adquiriu *status* de prestígio, sendo considerada localidade que abrigou parte das ranchadas de Tomás de Laranjeira.

Já os documentos oficiais (ANEXOS: PARTE I. ANEXO 03) sancionam que a região do Rio Verde do Sul foi denominada por um tempo de Distrito Paz do Rio Verde do Sul. Passado alguns anos, tal localidade voltou a receber o nome de Rio Verde do Sul e/ou Vila Caú. Essa região se desenvolveu em consonância com a Costa Rica, atual Distrito de Vila Marques, que na época tinha terras férteis que evidenciam o seu progresso, mas, a Colônia General Dutra começou a ganhar mais *status* de prestígio, principalmente, por se tratar de uma região de fronteira - Brasil e República do Paraguai, - foi quando parte da população mudou-se para a Colônia General Dutra.

A essa época, por volta de 1.940 a 1.975, a Colônia General Dutra, por possuir terras férteis e produtivas, recebeu também alguns migrantes, principalmente de São Paulo e Rio Grande do Sul, que começaram a instalar-se na Colônia, assim como era popularmente conhecida e da forma que passamos, a seguir, a designá-la.

A caminhada a passos largos para uma evolução socioeconômica já era bem expressiva na antiga região onde ficava a Colônia. Em seguida, desmembrando-se do município de Ponta Porã, criou-se o município da antiga Vila Fronteira Rica, que passou a denominar-se Aral Moreira. (ANEXOS: PARTE I. ANEXO 04).

## **1.2. Bases para o Estudo da Fronteira Internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai: Memórias e Histórias de Nossa Gente**

A fronteira é cercada de estórias, histórias, causos, relatos, folclore... As pessoas, em especial as mais antigas, que residem na fronteira de Aral Moreira-Brasil com o Departamento Santa Virginia lembram com saudosismo de outros tempos, época em que a palavra oral valia muito mais do que qualquer documento assinado. (Jefferson Machado Barbosa<sup>5</sup>)

É com a sensação de estar contemplando o céu espelhado no mar que cumpro a grata, honrosa e responsiva tarefa de apresentar os principais acontecimentos históricos da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, situado ao sudoeste de Mato Grosso do Sul – (MS), por meio do que denominamos de “Panorama Histórico”.

Executar está tarefa equivale a realizar o registro de memórias de sujeitos considerados pioneiros de nossa gente<sup>6</sup>, bem como (re) visitar outras épocas, trazendo à tona outras vozes, outras imagens, outras históricas, que juntos constituem a história da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai.

De acordo com os trabalhos correlatos que tratam da questão histórica de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia, quais sejam: Freire (2012/2013); Magalhães (2011); Matoso (2006); Silva (2009); Santos (2004) e Trenkel (2009), o desbravamento histórico de tal localidade ocorreu de modo rápido.

Em uma sequência cronológica, com base na interpretação dos dados coletados, pode-se evidenciar que os acontecimentos se desenrolaram da seguinte forma: I – Rio Verde do Sul (1.883 a 1.940), com o Ciclo da Erva-Mate; II – Colônia General Dutra e Vila Fronteira Rica (1.940 a 1.975), com o declínio do período da Erva-Mate e expansão da Extração de Madeira em consonância com o Cultivo de Café, e ainda, o III – Aral Moreira (1.975 a 2.014), com a decadência da comercialização de Madeira e a produção de Café e o aumento da Agropecuária, que permaneceu até a emancipação da Fronteira em estudo, como produção que moveu a economia da região.

---

<sup>5</sup> Disponível em: < <http://pensador.uol.com.br/frase/MTUwMzcyMg/>>. Acessado em 14/03/2014 às 14h: 06 min.

<sup>6</sup> Utilizo a expressão “nossa gente”, justamente, para reafirmar minha essência natal fronteiriça, uma vez que nasci nessa fronteira e toda minha família faz parte desse contexto ora brasileiro, ora paraguaio, ora híbrido.

### 1.3. (Re) visitando outras épocas: A Formação de Rio Verde do Sul: O Ciclo da Erva-Mate, 1.883 a 1.940

Os primeiros colonizadores portugueses que, após o descobrimento, vieram para o Brasil, fixaram-se na orla marítima, mas o interesse e a curiosidade em conhecer o interior da terra descoberta deram origem às chamadas “Entradas Bandeiras”<sup>7</sup>. Nesse sentido, as terras que atualmente constituem o Estado de Mato Grosso do Sul foram uma das primeiras a serem percorridas nesse movimento. (BARBOSA, 2012).

Conforme a proposição de Sampaio (2006, p.232), “o território que forma o município de Aral Moreira/Brasil foi, pela primeira vez, explorado no final do século XIX, com a fixação de gaúchos e paulistas”. Barbosa (2012, p.17-8), por sua vez, ressalta que o desbravamento da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai se iniciou pela fronteira de Ponta Porã/Brasil com Pedro Juan Caballero/Paraguai, com a fixação de acampamentos situados no antigo território denominado de Rio Verde do Sul.

Trenkel (2009), em sua investigação sobre a presença gaúcha na região fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai relata a importância da influência de tal migração sulista, dando ênfase aos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos. A autora defende a tese de que a migração gaúcha contribuiu decisivamente no período compreendido pelos anos de 1.970 até 2.008.

A chegada de alguns sulistas ou gaúchos à região de Rio Verde do Sul gerou transições consideradas como adicionais à cultura local, composta, na época, por brasileiros, brasiguaios, paraguaios e dois subgrupos indígenas pertencentes à etnia *Guarani*, sendo eles: *Guarani-Kaiowa* e *Guarani-Nandeva*.

Há que se pontuar que, na época equivalente ao Rio Verde do Sul, segundo Sobrinho (2009, p.45-6), ao apresentar um estudo sobre a história de Amambai/MS, registra que:

...quando os ervateiros chegaram, para iniciarem a colheita da erva-mate, no sul de Mato Grosso, encontraram dois subgrupos de indígenas pertencentes à etnia Guarani: os Guarani-Kaiowa e os Guarani-Nandeva, que andavam em grupos, liderados por um cacique. Viviam da caça, pesca e produtos da natureza.

Rememorando o desbravamento histórico de Rio Verde do Sul, da perspectiva de ocupação populacional, Trenkel (2009, p.09), esclarece que os primeiros ocupantes da

---

<sup>7</sup> Utilizada para designar, genericamente, os diversos tipos de expedições empreendidas à época do Brasil Colônia.

região em questão foram atraídos pela “abundância da erva-mate”. As ocupações primordiais em tal território ocorreram quando os primeiros colonizadores portugueses que, após o descobrimento, “vieram para o Brasil, fixaram-se na orla marítima, com o interesse e a curiosidade em conhecer o interior da terra descoberta”, conseqüentemente, deram origem às “chamadas Entradas Bandeiras”. (BARBOSA, 2012, p. 16-8).

Não se pode deixar de reconhecer e de pontuar a investigação que Barbosa (2012) se propõe a fazer, ao apresentar uma abordagem sociolinguística do vocabulário de curandeiras paraguaias residentes na cidade de Aral Moreira. O pesquisador vai a campo conversar e conhecer a realidade sociolinguística de benzedeadas, curandeiras e parteiras de ascendência paraguaia que residem na fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai.

Barbosa (2012), em sua investigação, documenta a existência de um vocabulário linguístico específico utilizado pelas suas informantes/colaboradoras, o que evidencia a existência de variedades linguísticas na região pesquisada. O autor apresenta ainda breve descrição da história de Aral Moreira/Brasil e registra a presença de diferenças no que se refere ao desbravamento histórico da região, bem como a dificuldade de documentos oficiais, conforme pode ser observado na passagem a seguir:

No primeiro momento, não se pode deixar de considerar que, durante o levantamento bibliográfico, encontrou-se, no que diz respeito aos aspectos históricos do município de Aral Moreira, duas versões de sua história. Dessa forma, é importante destacar que o atual município não possui documentos escritos necessários e pertinentes que nos mostre qual versão mais se aproxima da veracidade de criação dessa região. (BARBOSA, 2012, p.17, grifo nosso).

A presença de duas versões no que diz respeito à história da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai é documentada por Barbosa (2012). Contudo, é imprescindível considerar que as entrevistas que o pesquisador se baseou para descrever a história da região em estudo foram realizadas com as benzedeadas, curandeiras e parteiras de ascendência paraguaia. Entendemos que o convívio entre etnias diferentes no antigo Rio Verde do Sul pode evidenciar, além de uma realidade mestiça, olhares diferentes sobre a história da fronteira em estudo.

Com base nesse mosaico populacional que a fronteira em estudo abrigou, e ainda abriga na contemporaneidade, partimos do pressuposto de a histórica da fronteira de Aral Moreira com o Departamento Santa Virginia/Paraguai se diverge, conforme sujeito que a conta. Assim, considerando essa perspectiva, pode-se evidenciar que o brasileiro,

o paraguaio, o brasiguai, o indígena e todos os subgrupos que habitavam o Rio Verde do Sul, na época, possuem percepção histórica diferente.

O que Barbosa (2012) utiliza como base na composição histórica da região fronteiriça em questão é a visão de paraguaios, com idade superior a quarenta e cinco (45) anos, consideradas pioneiras da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai.

Rememorando mais um pouco a marcha dessa história de Rio Verde do Sul, verifica-se que as terras férteis que, atualmente, constituem o Estado de Mato Grosso do Sul, antigo Mato Grosso<sup>8</sup> foram uma das primeiras a serem percorridas no movimento de Entradas Bandeiras, naquela época percorrida por Tomás de Laranjeira e sua tropa, seguindo o rio Amambai, o rio Verde, que fica no atual Distrito de Rio Verde do Sul e demais rios que deságuam pelos campos sul de Mato Grosso do Sul.

Remexendo essa “arca”, via-memória de sujeitos considerados pioneiros da região, notou-se, que o período correspondente a da Erva-Mate, à aquisição de terras se dava por meio de trocas de bens. Os valores dos objetos eram julgados conforme sua utilidade, dos quais podemos destacar: o rádio, o revólver, o cavalo e demais bens considerados importantes e de utilidade para tal período.

Para confirmar o pensamento de sujeitos considerados pioneiros da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, a seguir, apresentamos um trecho breve de duas conversas gravadas com pioneiros da região em foco:

INF. prá você comprá uma fazenda uma terra aqui ó era/trocava a trocu di cavalu trocava a trocu di revolver assim pur objetus aqui num circulava dinheru (2-F-C).

INF. dá nada ((risos)) a:í tá tinha otru terrenu nu fundu u cara num queria mi vendê num queria mi vendê derepenti eli vendeu pra otru eli cabo di vendê eu dei um rádiu a trocu du terrenu agora to cum dois terrenu muradu aqui só qui na outra rua lá imbaixu pega essa rua i a ota ali dois terrenu muradinho ( ) é um terrenu só intãum é dois mais na escritura é um. (1-F-C).

A essa “novela” intitulada: “Rio Verde do Sul: O Ciclo da Erva-Mate (1.883 a 1.940)”, verifica-se que, somente em 1.883, Tomás de Laranjeira se instalou, juntamente com sua tropa, às margens de Rio Verde do Sul, objetivando a exploração

---

<sup>8</sup> Mato Grosso foi desmembrado da província de São Paulo em 1.748. Formando a Província de Mato Grosso. Mal passou 100 anos, já surgiram as primeiras propostas de divisão de seu território, elaborados pelo historiador Adolfo Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. (ANEXOS: PARTE I. ANEXO 05).

da Erva-Mate. Barbosa (2012, p.18), documenta em seu estudo que o “Ciclo da Erva-Mate durou cerca de sessenta anos”.

A respeito do sujeito considerado líder das ranchadas interessadas na exploração de ervais, Sobrinho (2009, p.32), ressalta que enquanto Laranjeira percorria pelos campos Sul do antigo Mato Grosso “tanto do lado brasileiro como paraguaio, Laranjeira ficava impressionado com o que ia encontrando. Ele aproveitava a oportunidade e entrava em contato com os paraguaios que trabalhavam nos ervais”.

Com relação à presença de sujeitos oriundos da República do Paraguai, sobretudo do Departamento Santa Virginia, em Rio Verde do Sul, Matoso (2006, p.10-1), por sua vez, afirma que “nesse período, a presença de brasileiros na região era pouca, dessa forma, grande parte dos empregados na extração da erva-mate eram paraguaios”.

A partir das ponderações de Sobrinho (2009) e Matoso (2006), nota-se que Laranjeira não “descobriu” apenas os ervais e as terras férteis existentes em Rio Verde do Sul. Mas, outros sujeitos como: paraguaios e indígenas de etnia diversificadas, com técnicas de produção diferente. Assim, Laranjeira aproveitou a oportunidade para ficar mais próximo dos paraguaios que atuavam nos ervais.

Ao que se refere à interação social entre Laranjeira e os sujeitos oriundos do Departamento Santa Virginia/Paraguai, bem como os demais departamentos circunvizinhos da República do Paraguai, Sobrinho (2009) registra que:

Os paraguaios conheciam muito bem o trabalho nos ervais e convidados para trabalharem no Brasil, aceitaram o desafio. Cada aumento da área arrendada exigia um número maior de trabalhadores com experiência nessa atividade, os quais eram encontrados no Paraguai e sem dificuldade vinham para o Brasil. (SOBRINHO, 2009, p.51. grifo nosso).

A partir do registro acima, pode-se evidenciar a relação entre povos distintos e, conseqüentemente uma realidade sociocultural mesclada em Rio Verde do Sul. Enquanto Laranjeira explorava a extração de erva-mate nas proximidades do rio Verde e usufruía da mão de obra especializada de paraguaios o Brasil discutia sua independência e sua relação com a República do Paraguai.

De acordo com Sobrinho (2009), o governo imperial brasileiro viu a necessidade de resolver alguns assuntos pendentes, que não eram objetivos no Tratado de Madri. Com intenção de fomentar reflexão sobre a não objetividade do Tratado, “diversas missões diplomáticas foram realizadas”. (SOBRINHO, 2009, p. 28). Contudo, era

convencional que, após cada ação diplomática, a situação ser amenizada, pelo menos por algum tempo.

Em 1.864, a pauta de ausência de objetivo do Tratado de Madri, ainda, fomentava discussões entre líderes do Brasil e da República do Paraguai. Iniciou-se, então, no fim do corrente ano, a Guerra do Paraguai. Sobrinho (2009, p.29), ressalta que “uma atitude inesperada do governo paraguaio, que arrestou o Vapor Marques de Olinda, criando uma situação complexa entre os dois países”. Sendo assim, evidencia-se que a atitude do governo paraguaio pode ser considerada como a declaração inicial de guerra entre Brasil e República do Paraguai.

Diante do modo como agiu o governo paraguaio, no dia 13 de novembro, do corrente ano, a legação brasileira reivindicou a atitude do governo da República do Paraguai, ao solicitar maiores esclarecimentos para tal ato. Tendo em vista a réplica da legação do Brasil, o governo paraguaio respondeu a solicitação com a invasão ao antigo Mato Grosso, dando início a guerra que o Brasil não estava preparado. (SOBRINHO, 2009).

Diante da reação do Paraguai e do despreparo do Brasil, em 1.865 foi assinado o Tratado da Tríplice Aliança. O Tratado formalizava a união do Uruguai e da Argentina ao Brasil contra a República do Paraguai, além de estabelecer:

... limites entre Brasil e Paraguai que deveriam vigorar após a guerra caso a Tríplice Aliança fosse vencedora. Esses limites eram os mesmos do Tratado de Santo Idefonso, com a localização do rio Iguareí definida conforme uma carta preparada pelo expedicionário francês Amedée Mouchez. (SOBRINHO, 2009, p.29. grifo nosso).

Esse momento que sinaliza a “discordância” entre o Brasil e a República do Paraguai, decorrente a falhas nos Tratados, em especial, o limite territorial, durou cerca de seis (6) anos. A “luta” entre Brasil, Argentina e Uruguai contra a República do Paraguai terminou em março de 1.870, com a morte de Solano Lopes. Entretanto, o Tratado de Paz e Amizade Perpétua e de Limites entre Brasil e República do Paraguai só foi assinado em 09 de janeiro de 1.872.

Enquanto a relação harmoniosa entre Brasil e República do Paraguai era formalizada, Magalhães (2011, p.187) nos lembra que no fim do século XIX, a região que correspondia ao Rio Verde do Sul, ainda continuava sendo explorada por Laranjeira e sua tropa. Com base na leitura de documentos oficiais, verifica-se que, naquele tempo,

a região explorada por Laranjeira já era conhecida como Rio Verde do Sul ou Distrito de Paz do Rio Verde do Sul.

Não podemos deixar de reconhecer e pontuar o estudo de Matoso (2006), citado anteriormente, que buscou investigar o bilinguismo existente na produção textual de alunos indígenas de etnia *Guarani-Kaiowa* e *Guarani-Ñandeva*, da Escola Municipal Guarani, da aldeia *Guassuty*, situada na fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai.

Matoso (2006) esclarece, ainda, que o período equivalente ao Ciclo da Erva-Mate, em Rio Verde do Sul, além da população ser composta por dois subgrupos *Guarani* de etnia *Guarani-Kaiowa* e *Guarani-Ñandeva*, a presença de brasileiros na região era pouca. Dessa forma, grande parte dos empregados na extração da erva-mate era de ascendência paraguaia, considerados como os donos de mão de obra especializada.

Silva (2007), por sua vez, ao pesquisar “A Formação do Município de Aral Moreira – Mato Grosso do Sul”, apresenta breve descrição da região em questão, destacando como se deu o processo de formação e as principais figuras que fizeram parte da história do município. Na busca pelo entendimento da constituição histórica da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai é de suma importância considerar a afirmação de Silva (2007), quando sublinha que:

A região que hoje compreende o município de Aral Moreira correspondia, durante vários séculos, ao território dos Índios Guaranis. E foram os índios guaranis que deram nomes aos mais diferentes pontos pertencentes ao Município. Denominações que até hoje são mantidas. (SILVA, 2007, p.29)

Com base no trecho extraído da pesquisa de Silva (2007), evidencia-se que o desbravamento histórico da região de fronteira, que atualmente corresponde o município de Aral Moreira, está intrinsecamente relacionado com pelos menos três etnias, quais sejam: indígenas de dois (2) subgrupos: *guarani-kaiowa* e *guarani-ñandeva*, paraguaios e brasileiros que migraram para região, principalmente, dos estados de Rio Grande do Sul e Paraná.

Toda essa situação colocada de mistura de etnias fazia com que os migrantes sulistas se comunicassem com os paraguaios e indígenas de etnia *guarani-kaiowa* e *guarani-ñandeva*, gerando, assim, certa complexidade sociolinguística evidenciada, por meio da interação social, já no início do desbravamento histórico da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai.

Partindo do pressuposto de que as relações sociais são complexas e cada família se constitui de maneira diferente, seja na quantidade, seja no hábito culturalmente adquirido, Sobrinho (2009, p. 56) esclarece que foi:

A partir de 1.893 começaram a formar as primeiras caravanas com destino a Mato Grosso (...) as caravanas eram formadas por famílias inteiras, lideradas por um senhor, que deixavam parentes e a terra natal em busca de outras paragens, viajando a cavalo ou em carretas.

A organização familiar do período equivalente ao Ciclo da Erva-Mate, em Rio Verde do Sul, difere-se em alguns aspectos da família contemporânea, dos quais podemos citar a quantidade de filhos ou filhas que a composição familiar tinha naquela época, número considerado maior, se comparado a composição familiar no período Pós-Colonial.

Sobrinho (2006) esclarece, ainda, que as primeiras caravanas de famílias inteiras que ocuparam a região próspera do Rio Verde do Sul, geralmente, eram lideradas por uma pessoa do sexo masculino, considerado o chefe da família. Cabe mencionar que o chefe da família tinha seus capangas, que sempre o acompanhava por onde andava. Outro fato não menos importante é que quase sempre os capangas faziam os trabalhos braçais, muitas vezes, abrindo mata adentro.

As fotos a seguir revivem a época equivalente ao Ciclo da Erva-Mate, em Rio Verde do Sul, ilustrando a composição familiar daquele período.



Foto 02. P&B.<sup>9</sup>



Foto 03. P&B.<sup>10</sup>

Não se pode deixar de reconhecer e pontuar o estudo de Trenkel (2009), citada anteriormente. A autora ao investigar “A importância da presença gaúcha no município

<sup>9</sup> Foto 02. P&B. Composição familiar antiga. Fonte Aristide Matoso.

<sup>10</sup> Foto 03. P&B. Composição familiar antiga. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira.

de Aral Moreira, MS”, registra que a presença do migrante gaúcho contribuiu, decisivamente, desde o final do século XIX. Trenkel (2009, p.14) afirma que a “presença gaúcha na região de fronteira acompanhou os momentos em que atividades econômicas como, agricultura e pecuária, passam a ganhar destaque no Estado”.

A seguir, pode-se verificar a Foto 03, que retrata a época do Ciclo da Erva-Mate, período em que as “primeiras caravanas” de pioneiros gaúchos e paranaenses saíram de seus estados e ocuparam o antigo Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul.



Foto 04. P&B. Chegada de Caravanas gaúchas. Fonte: Secretaria de Educação de Aral Moreira.

Curiosamente, evidencia-se que a ocupação de gaúchos e paranaenses em Rio Verde do Sul os colocou na condição de “dominantes”, visto que sabiam as formas de produção da erva-mate numa perspectiva industrial. Dessa maneira, os paraguaios que já habitavam a região em questão, na qualidade de “dominados”, exerciam o cargo de empregados, para ilustrar esse fato, apresentamos um excerto da conversa com uma das pioneiras da região:

INF. a família Marquis mexia muito cum erva comandava mexia cum erva eli u pai deli a familiar deli i eu sei qui tinha us capanga deli (2-F-C, grifo nosso).

Ao fim do século XIX, chegou à região de Rio Verde do Sul, ainda antigo Mato Grosso, famílias vindas de Rio Grande do Sul fugindo da Revolução, dentre elas, destaca-se a família “Marques”. Ao chegar à região, as oriundas famílias sulistas se dedicaram ao pastoreio. Conforme excerto acima, na época do Rio Verde do Sul, era

natural o patrão, na qualidade de chefe, prescrever tarefas aos seus “secretários adjuntos” ou “capangas”. Como era comum, ainda, o uso de armas, como forma de proteção, de segurança e ideia de domínio.

Enquanto a região próspera de Rio Verde do Sul era explorada não só por Tomás de Laranjeira e suas respectivas tropas, mas por outras famílias gaúchas e paranaenses, em 1.914, os trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, partindo de São Paulo adentraram em território sul-mato-grossense até a fronteira com a Bolívia, fazendo uma ligação rápida e econômica para a economia do Sul. E o Sul, pôde então, desenvolver os seus meios de agricultura e pecuária, invertendo assim, a posição do Sul, que era praticamente uma região pobre, para a mais rica. Naquela época, o Norte apresentava um declínio, com baixa de preços de borrachas e outros produtos seus. Para reviver ao momento equivalente ao Ciclo de Erva-Mate, a seguir duas (2) fotos que ilustram o espaço físico, os carros, os barracões e a prosperidade decorrente da extração expressiva de erva-mate.



Foto 05. P&B.<sup>11</sup>

Foto 06. P&B.<sup>12</sup>

O Rio Verde do Sul ia ganhando visibilidade por conta de sua abundância de erva-mate. De acordo com documentos oficiais (ANEXOS: PARTE I, ANEXO 05), cedidos gentilmente pela Prefeitura Municipal de Aral Moreira, observa-se que em 1.918, a administração da Erva-Mate passa a ser Campanário, dirigida pelo senhor Raul Mendes Gonçalves, que nacionalizou a CIA<sup>13</sup>, sendo renomeada, posteriormente, de “Brinco de Ouro”. Somente após veio a denominação da Companhia Mate Laranjeira, nesse período, comandada pelo capitão Heitor Mendes Gonçalves.

<sup>11</sup> Foto 05. P&B. Barracão da Companhia Mate Laranjeira. Fonte: Secretaria de Educação de Aral Moreira.

<sup>12</sup> Foto 06. P&B. Transporte com lotação de mudas de erva-mate. Fonte: Secretaria de Educação de Aral Moreira.

<sup>13</sup> Companhia de Erva-mate.

Conta-se que em meados de 1.924, período que ocorreu uma pequena revolução nascida e morta no mesmo ano, em São Paulo, no governo de Arthur da Silva Bernardes<sup>14</sup> (1922-1926), as tropas do general Isidoro Dias Lopes<sup>15</sup> ocuparam a capital do Estado de São Paulo, em cinco de julho de 1.924. Tendo sido os revoltados vencidos pelas tropas do governo, refugiou-se no antigo Estado de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul.

O revoltoso Mario Roso<sup>16</sup>, apesar de tudo, pode ser considerado o primeiro habitante que sofreu, naquela época, no sertão de Mato Grosso, mais especificamente, em Rio Verde do Sul e já adentrando à antiga Colônia General Dutra/Brasil.

#### **1.4. A Colônia General Dutra e a Vila Fronteira Rica, 1.940 a 1.975**

A ocupação de famílias oriundas de Rio Grande do Sul, no território de Rio Verde do Sul, resultou a entrada em outras localidades circunvizinhas, como a antiga Colônia General Dutra/Brasil, região onde é o atual município de Aral Moreira/Brasil.

Pelo registrado em documentos oficiais e entrevistas com sujeitos considerados pioneiros da fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, verifica-se que, em 1.940, criou-se a Colônia General Dutra/Brasil, com consentimento de Getúlio Vargas. Tal localidade é tratada aqui como: “Colônia General Dutra/Brasil”, devido à parte focalizada estar, geopoliticamente falando, em território brasileiro. Contudo, reconhecemos a instabilidade social, ideológica, linguística que a fronteira entre Brasil e Paraguai apresenta, principalmente, em zonas de fronteira seca, como é o caso da Fronteira focalizada neste estudo.

A essa época, de 1.940, conforme proposição de Sampaio (2006, p.208), “a fixação na região de paulistas e gaúchos” foi característica marcante para o impulso de ocupação, agora, em outro território, a Colônia General Dutra/Brasil, região mais próxima da fronteira entre Brasil e República do Paraguai.

De acordo com Silva (2007, p.31), a criação da Colônia General Dutra/Brasil “trouxe consigo a demarcação arrancando das proximidades do Marco Internacional

---

<sup>14</sup> Advogado, nascido na cidade de Viçosa, estado de Minas Gerais, em 8 de agosto de 1875. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1900. Foi presidente de Minas Gerais (1918-1922). Por meio de eleição direta, assumiu a presidência da República em 15 de novembro de 1922 até 1926.

<sup>15</sup> Revolta Paulista comandada em 1.924, pelo General Isidoro Dias Lopes, a revolta contou com a participação de vários tenentes,

<sup>16</sup> De acordo com informações de pioneiros da região, Mario Roso é um homem que comandava uma pequena tropa na época de 1.924.

cento e dezessete (117), as terras ajudaram e a Colônia de União Federal teve vida abundante”. Curiosamente, a Colônia General Dutra foi criada em terreno que, inicialmente, não era muito bem definido. Desse modo, no que se refere à aquisição de terras, alguns pioneiros da região relataram nas entrevistas narrativas que:

INF. u povu chegava aqui i si adonava das terra (3-M-C).

INF. chegava aqui cada um si adonava essi loti aqui é meu tinha demarcação já uma demarcação provisória intãum eu chegava essi loti aqui é meu cê chegava i falava aqui loti lá é meu fincava uma istaca lá aí nós começava roça fazê abertura (4-M-C).

Remexendo, assim, essa “arca” de episódios relativos ao período equivalente à Colônia General Dutra/Brasil, verifica-se que as terras que hoje se consolida a cidade de Aral Moreira/Brasil, antiga Colônia General Dutra, inicialmente, foram doadas pelo proprietário da Fazenda Tatarén, Orcício Freire, fazendeiro considerado, naquele período, de alto nível político.

A fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai vai se desenhando e ganhando visibilidade no antigo Estado de Mato Grosso, fato decorrente da ocupação de sujeitos brasileiros, paraguaiosbrasiguaios e indígenas de dois subgrupos, quais sejam: *guarani-kaiowa e guarani-ñhandeva*.

Indubitavelmente, além da ocupação de povos mestiços, a Colônia General Dutra/Brasil era palco que atraía vários olhares de sujeitos que habitavam cidades circunvizinhas, “tanto do lado brasileiro quanto no lado paraguaio”<sup>17</sup>. Após a ocupação e exploração às terras férteis da Colônia/Brasil, a notícia, de que o solo vermelho era propício à plantação, andava pelos campos Sul do antigo Mato Grosso.

Há, no entanto, que se pontuar que, antes de se mudar, efetivamente, para a Colônia General Dutra/Brasil, era necessário ter vínculo com pessoas que já habitavam tal região, ou seja, com as famílias mais antigas, principalmente, com a família “Marques”, que tinham grandes propriedades de terras, e, de certa forma, já tinham atingindo *status* prestígio entre os moradores da Colônia General Dutra/Brasil.

No percurso que equivale o marco inicial da Colônia General Dutra/Brasil, há que se destacar que, viver na Colônia/Brasil não era tarefa fácil, o senhor A.M, via-memória, fornece-nos características daquela época, que nos ajuda, de certa forma, a remontar episódios de outros tempos, que podem ser resgatados, por meio de outras

---

<sup>17</sup> Entre aspas porque havia uma divisão geográfica e política, porém, não havia divisão social, religiosa e educacional.

vozes, que vivenciaram determinada época, resultando no diálogo entre vozes e vivências.

INF. era Colônia General Dutra issu aqui qui você vê era sertão du sisu cê só via índiu corre:nu iscondenu i:: berru di bichu gritu di onça guará grandi era u qui tinha aqui nessi sertão di matu (4-M-C).

No pensamento do pioneiro, observa-se, nitidamente, o reconhecimento da presença do índio na região da Colônia General Dutra/Brasil. Conta-se que, a essa época de 1.940 a 1.975, os índios de etnia *guarani-kaiowa* e *guarani-ñandeva* costumavam ficar no cerro situado na República do Paraguai, no departamento de Pedro Juan Caballero.

Conforme depoimentos dos sujeitos considerados pioneiros da região em estudo, os indígenas desses dois subgrupos, anteriormente apresentados, subiam a serra do Departamento Santa Virginia/Paraguai em busca da caça e da pesca. Ao se deslocarem para a Colônia/Brasil, os índios se deparavam com os gaúchos e paulistas que também habitavam a Colônia General Dutra/Brasil e o Rio Verde do Sul/Brasil.

O fato de os índios correrem dos sujeitos gaúchos e paulistas, conforme relata o senhor A.M, gira em torno da evidência de que ambos os povos que habitavam a Colônia/Brasil, por sua vez, possuíam costumes, modos e produções de plantio diferentes, acarretando pensar que o desconhecido é visto como algo estranho e, muitas vezes, inferior aos olhos do “outro”.

Segundo Trenkel (2009, p.10), “no período de 1.940, a agropecuária sobrepujou a erva-mate em importância econômica”. Todavia, a essa época equivalente a entrada e ocupação de terras relativas à Colônia General Dutra/Brasil, pode-se considerar como o início do ciclo referente à Extração de Madeira, podendo destacar a existência, na época, de árvores altas, que segundo Silva (2007, p. 20) pode-se destacar: “a peroba, o ipê, o cedro, a aroeira, a figueira, o jaracatiá, a canafístula, o angelim, o jatobá mirim e a timbava”.

Em 1.940 a 1.945, mesmo com a expansão da extração de madeira e o declínio da erva-mate, na região da Colônia General Dutra/Brasil, na fronteira circunvizinha de Ponta Porã/Brasil com Pedro Juan Caballero/Paraguai, considerada como a “Princesinha dos Ervais”, instala-se uma companhia de erva-mate, passando a ser, em pouco tempo, a

cooperativa de ervateiros de tal localidade, sob a direção de Orlando Mendes Gonçalves<sup>18</sup>.

Enquanto a Princesinha dos Ervais ia se desenvolvendo, a Colônia General Dutra/Brasil recebia, de acordo com Barbosa (2012, p. 18), mais uma remessa de famílias vindas do estado do Rio Grande do Sul, sendo eles: “os Freire, os Marques, os Cardinal, os Bataglin e os Portela, algumas famílias já tinham certo grau de parentesco com os habitantes da Colônia”. Algumas famílias se deslocavam para a Colônia General Dutra/Brasil, pois a região era vista como uma localidade que abrigava terra fértil, produtiva e barata.

Ao que se refere à organização religiosa, a época relativa ao Ciclo da Extração de Madeira, Silva (2007, p.39), pondera que “inicialmente a maioria das igrejas tinha predominância no catolicismo”. Desse modo, evidencia-se a influência do cristianismo na Colônia General Dutra/Brasil. Com base na ponderação de Silva (2007) e de depoimentos de sujeitos considerados pioneiros da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, verifica-se que a igreja católica fora implantada na região pelos gaúchos e paulistas. Curiosamente, no início, o padre que proferia a missa vinha de fora, mas aos poucos a igreja foi se formatando até se estabilizar.

Como no período antecedente, Rio Verde do Sul com a extração de erva-mate, o período que corresponde a Colônia General Dutra com a extração de madeira, também não havia uma configuração política delimitada. Nessa perspectiva, Silva (2007, p.41) registra que “não existia atuação política, isto é, não possuía prefeito e nem vereadores na região, porém a família Bento Marques já era uma das mais influentes, juntamente com outras.

Além da agropecuária, ainda timidamente, movida, principalmente, pela família “Marques”, em virtude da presença de muitas árvores propícias a extração de madeira, iniciou-se a extração de madeira com a implantação de serrarias na Colônia/Brasil

A foto 06, a seguir, revive a época de implantação de serrarias na Colônia General Dutra/Brasil

---

<sup>18</sup> Nessa época, um dos coronéis que lideravam as tropas (geralmente compostas por paraguaios) que trabalham com a extração de erva-mate.



Foto 07. P&B. Implantação de Serrarias. Fonte: Secretaria de Educação de Aral Moreira.

A extração de madeira contribuiu, significativamente, para a economia da Colônia General Dutra/Brasil, bem como para sua visibilidade econômica regional. Assim, a Colônia ia se configurando enquanto território fértil, propício a extração de madeira e plantação de soja, além de pastos favoráveis a criação de gado. Conta-se que, na época, chegou a ter cerca de sete serrarias na região, gerando mais emprego e, certamente, dando mais visibilidade à região, que começava a se formatar no cenário do antigo Mato Grosso.

Por outro lado, como aponta Silva (2007, p.38):

... as serrarias não trouxeram progresso (...) e sim muito desmatamento, pois os proprietários não sendo da região, não se preocupavam com a preservação, apenas vinham acumulavam certa riqueza e iam, deixando apenas rastro de destruição. Essas famílias que trabalhavam com serrarias eram oriundas do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Certamente, o desmatamento não agradava, principalmente, os indígenas de etnia *guarani-kaiowa* e *guarani-ñandeva*, que moravam nas proximidades da Colônia General Dutra/Brasil, em abrigos feitos de palha, armados a beira do mato, geralmente, próximos a lugares onde havia água.

Essa situação de réplica dos índios com relação ao desmatamento da paisagem da Colônia General Dutra/Brasil, leva-nos a evidenciar a existência de, pelo menos, duas vertentes. De um lado, os migrantes gaúchos que dominavam as formas de produção e, além da implantação de serrarias na região e o plantio de café, utilizavam, ainda que timidamente, as terras férteis da Colônia/Brasil, dando início à plantação de soja.

E de outro lado, os paraguaios e indígenas de etnia *guarani-kaiowa* e *Guarani-ñandeva*, que possuíam outro meio de produção, diferente dos primeiros, estes, produziam uma agricultura de subsistência, sem a utilização de maquinários, pois como pontua Silva (2007, p. 39) que a essa época, apesar da qualidade boa do solo, “a mecanização era pouco utilizada, havendo pouquíssimos tratores, e o restante eram maquinários puxados por animais, como o arado”. Com base nessa informação, evidencia-se que os paraguaios e indígenas desses dois subgrupos formados como mão de obra especializada, uma vez que a Colônia estava em fase de transição da produção manual para a industrial.

Em virtude da ocupação territorial de sujeitos influentes e próximos dos políticos da época, da visibilidade expressiva e do progresso, em 1.943, pelo decreto n.º 5.812, a Colônia General Dutra/Brasil passou a pertencer à cidade de Ponta Porã.

O progresso da Colônia General Dutra/Brasil dependia de alianças políticas, com o objetivo de solucionar problemas sociais que já estavam já incomodando a população que residia na região, por exemplo, a implantação de estradas, o saneamento básico, a instalação de hospitais, de delegacias e de escolas. Portanto, para que a melhoria chegasse à Colônia era necessário realizar parcerias com políticos, conforme se nota no depoimento a seguir:

INF. aí eli foi i falô muito bem seu ( ) si vocês trabalharem por mim i qui eleitu for eu prometu a estrada aí nós trabalhamu trabalhamu trabalhamu saiu as eleiçãum i eli ganho a política (4-M-C).

Com a vitória na política, Pedro Pedrossian, deputado da época, enviou à Colônia General Dutra/Brasil alguns maquinários com o intuito de abrir as estradas e dar acesso à região. Os trabalhadores enviados pelo governador à Colônia foram recepcionados por um sujeito considerado pioneiro antigo da região, que por sua vez, exerceu, por muito tempo, o papel de líder na extração de erva-mate e nos relatou que:

INF. até ali veiu u maquináriu vieram abrindu tudu né aí começô chegá u progressu pra Colônia Dutra a:i já começô abri alguma casinha di negóciu aqui começaram uma vilazinha uma piquinizi::nha aí casinha cuberta di pindó paredi di taquara um botava um butequinhu otru botava butequinhu eu carnava uma vaca i trazia du Paraguai levava treis quatu dia pra subi a cerra qui era uma mataria i essa cerra era muito braba (4-M-C)

O sujeito considerado pioneiro da Colônia General Dutra, em depoimento, ao lembrar-se de outra época, via-memória, mostra sua experiência e, sobretudo sua sabedoria de uma época em que a oralidade valia muita mais que qualquer papel escrito.

O poder de persuasão, através da oralidade, fazia com que o líder convencesse seus empregados a permanecer, em sua grande maioria paraguaia, em “território brasileiro”, a fim de usufruir de mão de obra especializada.

Com uma população considerável, a ponto de constituir-se Distrito de Ponta Porã/Brasil, a interação social, entre os sujeitos que habitam a Colônia, era atividade complexa, assim, o fluxo de morte era constante, conforme podemos observar a passagem, a seguir:

INF. cada isquina tinha uma cruz aqui mataram mu::ita genti muita genti mataram (4-M-C).

Não se sabe, ao certo, o fato que gerou tantas mortes e nem quais etnias eram mortas. Mas, evidencia-se a relação de poder social ligada à aquisição de terras e ao início de alianças políticas na Colônia General Dutra/Brasil como fator explicativo para tantos aniquilamentos.

Além de visitas de Padres da Igreja Católica que proferiam as missas na Colônia, a região passou a receber, ainda, visitas de delegados de cidades circunvizinhas, tais como: Ponta Porã, Amambai, Coronel Sapucaia e Dourados. Essas visitas de delegados fez com que, em pouco tempo, fosse instalada a Força Internacional, situada na República do Paraguay, no departamento de Pedro Juan Caballero, mais especificamente, no Departamento Santa Virginia, que contribui, por muito tempo, com a segurança da região.

Em 1.947, além da extração de madeira, o cultivo de café ganha espaço no âmbito fronteiriço correspondente à Colônia General Dutra/Brasil. Com a notícia de progresso e abundância na produção, chega à região outra leva de família, dando destaque à família “Matoso”, que muito contribuiu para o desenvolvimento da Colônia, além de possuir Fazendas com grande extensão territorial, o que se evidencia a geração de emprego a povos que habitavam a Colônia.

O excerto da conversa, a seguir, com o sujeito considerado pioneiro da Colônia/Brasil, revive a experiência no que se refere à aquisição de terras, além de deixar subjetivo a ideia de que mudar-se para a Colônia era necessário ter vínculos ou parentes próximos, pois a visão de região violenta e perigosa se configurava no âmbito regional.

INF. U meu avô chego aqui im mil novicentus i quarenta i seti era só matu só matu daí: Eli compro a: fazenda Campu Flor na época é: uma das fazenda mais veia qui teim depois teim a: fazenda santa Rita qui era Du dotor Eraldu

a:: fazenda Cerru Alegri Cedru Riu Verde Oru Verdi sãum as fazenda mais antiga qui ixistia aqui na região (7-M-C).

No relato, verificam-se a existência de cinco fazendas classificadas, segundo o pioneiro, como as mais antigas da região, sendo elas: Fazenda Campo Flor, Fazenda Santa Rita, Fazenda Cerro Alegre, Fazenda Rio Verde e Fazenda Ouro Verde. Algumas dessas fazendas foram adquiridas pela família “Matoso” que, por muito tempo, manteve a tradição de extrair a erva-mate, tendo a mão de obra especializada de paraguaios, que, em troca, ganhavam moradia, comida e roupas.

Em meados de 1.948, Eurico Gaspar Dutra, homem influente na Colônia General Dutra/Brasil, recebeu uma área de 12.000 hectares, doada pelo fazendeiro Orcício Freire, para ser colonizada e, sobretudo, distribuída em lotes rurais de vários tamanhos. Não se sabe, ao certo, o motivo da doação de terras, sabe-se, porém, que Orcício, assim como era popularmente conhecido entre a população da Colônia/Brasil, era um “político” ativo, sendo assim, respeitado entre os sujeitos que habitavam a região, por se tratar de um homem que lutava em prol do progresso da Colônia/Brasil.

Segundo Magalhães (2011. p. 187), “foi no ano de 1.950 que a Colônia General Dutra foi, oficialmente, criada”. No ano de 1.953, por meio da Lei nº 702, de 15 de dezembro, foi criado: o distrito de Paz do Rio Verde do Sul, com sede na Vila de Rio Verde, atual Vila Caú. Em 17 de outubro de 1.958 foi estabelecido por meio da Lei nº 1.121, os limites da Colônia General Dutra/Brasil com o Distrito de Sanga Puitã/Paraguai. (ANEXOS: PARTE I. ANEXO 06). É importante destacar ainda que, a partir desse ano, a Colônia/Brasil passa a ficar conhecida como Vila Fronteira Rica ou distrito de Paz do Rio Verde do Sul, devido à riqueza estampada, principalmente, em terras férteis, com plantações de soja, no cultivo do café e na criação de gado.

Junto ao progresso da Colônia General Dutra/Brasil, veio à inserção da política e de alguns poucos maquinários industriais, como caminhão de tora. Contudo, um dos pioneiros relata que, em meados de 1.959, a Colônia era considerada, do ponto de vista geográfico, um “sertão”, com matos e animais típicos da época.

INF. Pra começá eu vô ti i xplicá eu cheguei aqui em Aral Moreira em cicuenta i novi du séculu passadu cincuenta i novi Arar Morera ho::ji Arar Morera naqueli tempu era Colônia General Dutra issu aqui qui você vê era sertão du sisu cê só via índiu corre:nu iscondenu i:: berru dí bichu gritu di onça guará grandi era u qui tinha aqui nessi sertão di matu (4-M-C).

Nota-se, no pensamento do sujeito considerado pioneiro, que a época referente à Colônia General Dutra ou Vila Fronteira Rica, a interação social das primeiras famílias

sulistas a ocupar a Colônia era de distanciamento com relação aos indígenas que já ocupavam a região, principalmente, a região que corresponde, atualmente, o Departamento de Pedro Juan Caballero, designado aqui, como o Departamento Santa Virginia/Paraguai. Essa “distância” pode ser mais bem evidenciada na passagem: “*só via índiu corre:nu iscondenu*”. Vários são os fatores que podem ocasionar esse distanciamento entre povos de etnias diferentes, o qual se evidencia, aqui, as formas de convivência distintas entre as diferentes etnias (paraguaia, brasileira e indígena) que habitavam a região, o que confirmava a criação de uma “fronteira seca complexa”, também, na interação social.

Após 1.970, em virtude a expansão da extração de madeira e da implantação de várias Serrarias, em consonância com o cultivo de café. A esse período, curiosamente, a Colônia General Dutra/Brasil ou Vila Fronteira Rica, já fora demarcada geograficamente, com os pilares que sinalizavam os limites territoriais entre Brasil e a República do Paraguai.

O excerto, a seguir, revive por meio do resgate via-memória do sujeito, considerado pioneiro, a transição toponímica de Colônia General Dutra para Vila Fronteira Rica.

INF. aí depois mais tardi essa vilazinha aí passô a chama Vila Frontera Rica uma vilazinha aí foi animandu foi criandu os butequinhu us bulichinhu vinha genti ali du Paraguai botava uns armazenzinhu aí clandistinu uma farmácia aí assim foi socorrendu u povu aí a Vila foi levantandu foi evoluindu (4-M-C).

No pensamento do pioneiro, verifica-se que, naquela época, a instalação de “mercearias” era realizada de maneira clandestina, ou seja, sem autorização de líderes da Colônia/Brasil. Os comércios designados de “botecos”, “bolichinhos” e “mercearias” foram instaladas, num primeiro momento, para suprir a ausência de localidades cujo objetivo era a venda de alimentos perecíveis e não-perecíveis e de bebidas com/sem álcool.

Nota-se, ainda, no depoimento do sujeito considerado pioneiro da região em foco que, as mercearias, iniciaram-se, principalmente, por iniciativa de paraguaios que residiam no Departamento Santa Virginia, situado no Departamento de Pedro Juan Caballero/Paraguai. Com base nessa informação, evidencia-se a contribuição, nítida, de sujeitos oriundos da República do Paraguai no desenvolvimento da Colônia General Dutra/Brasil ou Vila Fronteira Rica/Brasil.

Trenkel (2009, p.12), fornece-nos dados sobre o censo populacional de Vila Fronteira Rica/Brasil ou Colônia General Dutra/Brasil. A autora registra que, em 1.970, a região possuía “cerca de 14.000 habitantes”. Curiosamente, a metade da população, oito mil (8.000) habitantes, vivia na zona rural, o que contribuiu para a caracterização de uma região com traços “*rurbanos*”.

A respeito do termo “*rurbano*”, citado por Stella Maris Bortoni-Ricardo, em seu livro intitulado: “Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística na sala de aula”, o termo é designado, grosso modo, àquele contexto que se classifica como um *continuum* do rural ao urbano.

Trenkel (2009, p.10), ainda nos lembra que, “chegaram à região novas famílias de paranaenses e rio-grandenses. Foram esses por sua vez que introduziram a cultura da soja no município”. Observa-se a formalização da inserção do cultivo de soja, Trenkel (2009), não deixa de mencionar, ainda, em seu estudo, que a época correspondente a Colônia General Dutra/Brasil ou Vila Fronteira Rica/Brasil contou, timidamente, com atividades voltadas à extração de madeira e à erva-mate.

Barbosa (2012, p.19), por sua vez afirma que, a partir de 1.970, chegou à Vila Fronteira Rica, especificamente, nas proximidades rurais, as famílias: “Soligo, Cerruti, Pierezan, David, Bonacina, dentre outras”. Com a chegada dessas famílias oriundas, principalmente, de Rio Grande do Sul e Paraná, deu-se início à mecanização abundante na agricultura.

As fotos 08 e 09, a seguir, ilustram e reconstroem o momento referente à chegada de sulistas (gaúchos e paranaenses), retratam e revivem, ainda, a introdução de maquinários na produção de soja.



Foto 08. Cor.<sup>19</sup>

Foto 09. Cor.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Foto 08. Cor. Mecanização na agricultura. Fonte: Marciélly Trenkel.

<sup>20</sup> Foto 09. Cor. Chegada de gaúchos e paranaenses. Fonte: Marciélly Trenkel.

Com a chegada de famílias oriundas de Rio Grande do Sul e do Paraná, a extração de madeira não durou muito tempo, haja vista que a produção de soja começou a ganhar destaque, principalmente, com a inserção de novas famílias, trazendo consigo seus costumes, seus hábitos, suas identidades, dentre outros. Destaca-se, aqui, os maquinários, uma nova Era chegava à região, já conhecida como Vila Fronteira Rica/Brasil.

O depoimento, a seguir, reconstrói, por meio da memória de um sujeito entrevistado e considerado um dos pioneiros da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, o fim da extração de madeira, dando espaço ao cultivo, principalmente, de soja.

INF. já num iexistia maderá tanto pra cá nãum issu já tinha acabadu a maderá tiraram tudu meu pai foi um dos assassinu maior di Aral Morera di: matá a natureza meu pai/essas chacraiaada tudu é eli qui derrubou tudu (2-F-C).

A Exatonia Estadual da Vila Fronteira Rica/Brasil foi inaugurada, em primeiro (1º) de junho, de 1.972. No ato, estavam presentes sujeitos considerados autoridades da época, como: Artur Amaral Rodrigues, juiz de Paz do distrito, Maurício Mattos dos Santos, contador Martiano Barrios, Jonas Fernandes, dentre outros. Os comércios classificados como “clandestinos” e situados do “lado brasileiro” da fronteira, passaram, no uso das atribuições da Exatonia Estadual, a pagar impostos, bem como a prestar contas ao antigo Estado de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul.

Em 1.974, com a expansão e a chegada de várias famílias à Vila Fronteira Rica/Brasil, passa-se a discutir sobre a possibilidade de emancipação da região. A discussão tinha como objetivo principal emancipar a Vila Fronteira Rica/Brasil, tornando-a município.

Trenkel (2009, p. 09), ressalta que, em dois (02), de julho de 1.974, a Vila Fronteira Rica/Brasil “passou por um plebiscito, com a aprovação da maioria para a emancipação da região fronteira”. Contudo, pelo registrado em documentos oficiais, verifica-se que a aprovação oficial do plebiscito veio mais tarde, em meados de 1.975.

Vale destacar, ainda, que a esse período referente à extração de madeira, além da forte influência da família “Marques”, outra família passou a ser respeitada entre os moradores da região em estudo, como é o caso da família “Moreira”.

Ainda, o período de 1.974, foi caracterizado, não só pelo declínio de erva-mate, mas, pela decadência da produção de café. A seguir, apresentamos um excerto de entrevista narrativa, realizada com um sujeito considerado pioneiro da região, que

vivenciou o episódio, caracterizado, aqui, como marco histórico para a decadência do café.

INF. Deu uma giada aqui foi mais o menus im setenta i quatu matô tudu aí tinha uns cara uns portugueses ali i: americanu inventaru di fazê uma irrigação dipois fui lá ajuda a: tirá us motor neim us motor funciono nu dia aí: morreu tudu a giada foi tão grandi qui elis trabaivam meu contra Deus né elis falava vai vim uma giada muito forti qui vai matá tudu us café elis falaru na::um nossu num vai morrê vaou irriga tudu meteram canu di ferru quatuo motorzão i: fizeram um açudão di agua pra joga água nu café na hora da giada trancô tudo e num funcionô nenhum motor ficaram lacradu morreu tudo us café aí cabô (5-M-C. Grifo nosso).

O episódio acima, reconstruído via-memória, ilustra a situação climática que a Vila Fronteira Rica/Brasil vivenciava, na época, o que não contribuía, segundo a percepção do entrevistado, para o cultivo de café. O depoimento, ainda, revela a presença de portugueses e americanos em terras fronteiriças, na época em que a região era designada de Vila Fronteira Rica/Brasil. Com sabe nessas informações, pode-se afirmar que, a migração à Vila Fronteira Rica/Brasil não foi, essencialmente, de gaúchos e paranaenses, mas de alguns portugueses e americanos que ocuparam as terras férteis, trazendo consigo toda sua técnica de produção, principalmente, na extração de café.

A seguir, observam-se as Fotos 10 e 11, que retratam, por meio da imagem, a presença de portugueses e gaúchos na região equivalente à Vila Fronteira Rica/Brasil.



Foto 10. Cor.<sup>21</sup>



Foto 11. P&B.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Foto 10. Cor. Presença de portugueses na região da Vila Fronteira Rica. Fonte: Aristide Matoso.

<sup>22</sup> Foto 11. P&B. Presença gaúcha na região da Vila Fronteira Rica. Fonte: Aristide Matoso.

Com base no depoimento do sujeito considerado pioneiro, anteriormente apresentado, verifica-se que a extração de café, monitorada pelos portugueses, não durou muito tempo, visto que, ainda em 1.974, a Vila Fronteira Rica/Brasil sofreu uma forte geada, fazendo com que grande parte da produção fosse perdida.

Ao realizar breve leitura das fotos apresentadas, nota-se que, em ambas as fotos, o chapéu era acessório rigoroso do homem que exercia atividade no campo, visto que, em se tratando de clima, a sensação térmica costumava ser alta demais, tal fato evidencia que a população não estava habituada com temperaturas baixas, como é o caso da geada.

A Vila Fronteira Rica/Brasil vai se desenhando e ganhando espaço entre as regiões que, na época, ocupavam terras do antigo Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul. O declínio do café fez com que a soja fosse produto escolhido e, tornou-se, em pouco tempo, o principal produto da economia local.

Ainda em 1.974, a Vila Fronteira Rica/Brasil, passa a ser governada por militares. O fato de a região passar a ser dirigida por sujeitos ligados ao militarismo, contribuiu, de certa forma, para recepção de muitos recursos externos, dos quais se destaca verbas para construção de patrimônios públicos. Segundo Trenkel (2009, p.10), a região “chegou inclusive a ser considerada uma das dez maiores economias do mundo capitalista”.

Destaca-se, ainda em 1.974, a chegada de mais sujeitos oriundos de outras regiões, agora, de cidades circunvizinhas, como: Ponta Porã, Amambai e Coronel Sapucaia, além do Departamento de Pedro Juan Caballero/Paraguai.

O aumento da população fez com que, alguns líderes, retomassem as discussões relativas à emancipação político-administrativa de Vila Fronteira Rica/Brasil. Pelo registrado em documentos oficiais, verifica-se que, em 1.975, formou-se uma comissão, cujo objetivo único era realizar reuniões com sujeitos que compartilhassem da ideia de emancipação político-administrativa da região fronteiriça. Os personagens considerados idealizadores principais dessa campanha foram: Presidente: Dr. Jorge Roberto dos Reis; Vice-Presidente: Cunha Fernandes; 1º Secretário: Edson Ormay; 2º Secretário: João Marques; 1º Tesoureiro: Reinaldo Delekewice; 2º Secretário: Sidélio Antunes; Conselhos: Geraldo Antonio Lopes; João Vitorino Marques e Alcides Marques.

O ano de 1.975 foi um período de diversas conquistas para a região que correspondia à Fronteira Rica, dentre elas, destaca-se, em 11 de março, o início da construção da Escola Estadual João Vitorino Marques, pelo governador do antigo

Estado de Mato Grosso, Manuel Fontanillas Fragelli. A instalação da instituição de ensino estadual atendia alunos de faixas etárias variadas, destaca-se a presença de alunos brasileiros, paraguaios, brasiguaios e indígenas de etnia *guarani-kaiowa* e *guarani-ñandeva*

De acordo com Freire (2013, p.01):

Em meados dos anos setenta a Escola recebeu um número elevado de alunos vindos de todos os distritos (...). Eram crianças, jovens e adultos que utilizando do seu próprio meio de locomoção buscavam um espaço para concluir o ensino fundamental e poder sonhar com o ensino médio em outras cidades do estado.

Pelo registrado em documentos oficiais, a escola Estadual João Vitorino Marques funcionava sob a direção da diretora Iolanda Silveira dos Reis. Segundo Freire (2013, p.01), a instituição de ensino “funcionava em três períodos atendia cerca de 790 alunos”.

A seguir, as Fotos 12 e 13 sinalizam o início da formação acadêmica para a população da Vila Fronteira Rica, além de retratar a finalização da construção da Escola Estadual João Vitorino Marques.



Foto 12. P&B.<sup>23</sup>

Foto 13. P&B.<sup>24</sup>

O nome da instituição de ensino se deu em homenagem a João Vitorino Marques, conselheiro que ganhou destaque, em 1.975, ano de instalação da escola, ao lutar, ao

<sup>23</sup> Foto 11. P&B. Frente da Escola de I Grau João Vitorino Marques. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira.

<sup>24</sup> Foto 12. P&B. Fundos da Escola de I Grau João Vitorino Marques. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira.

lado de outros líderes, pela independência político-administrativa da Vila Fronteira Rica/Brasil.

Com base no registrado em documentos oficiais (ANEXOS: PARTE I - ANEXO 01), verifica-se que, em 1.975, criou-se o Clube Social intitulado de: “Clube Social Presidente Dutra”. Mais tarde, esse espaço social, porém privado seria palco para reuniões entre líderes, além de abrigar diversas festas que alimentavam e proporcionavam visibilidade regional de danças consideradas típicas de regiões sul e de fronteira, tais como: arara, polca de carão, chamamé, vanerão, toro candil, xote aos pares, chupim, palomita, dentre outras.

Barbosa (2014), ao apresentar uma reflexão, à luz da Semiótica Russa da Cultura, cujo principal precursor é Iuri Lótiman, registra o resgate de danças produzidas no Estado, consideradas típicas. Para o autor (op. cit), o Grupo Parafolclórico *Camalote*, na contemporaneidade, é considerado símbolo representativo da cultura sul-mato-grossense, reconhecido nacional e internacionalmente; abordando danças de cunho popular e danças mestiças, pois nos espetáculos se observa a presença de culturas diferentes em constante diálogo, sendo elas: brasileiras, paraguaias indígenas, bolivianas, africanas, árabes, etc. É por esse motivo que o Grupo Parafolclórico *Camalote* pode ser considerado como um gerador de códigos de danças multiculturais, que ora é paraguaio, ora brasileiro, portanto mestiço.

As Fotos 14 e 15, cedidas gentilmente pela Prefeitura Municipal de Aral Moreira-MS, retratam a época equivalente a 1.975, naquele período, a presença de danças típicas em Vila Fronteira Rica/Brasil era cultivada no “Clube Social Presidente Dutra”.



Foto 14. Cor.<sup>25</sup>



Foto 15. Cor.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Foto 14. Cor. Dança típica da região: Arara. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira.

Além de bailes que movimentavam a região de fronteira entre Brasil e República do Paraguai, o Clube Social Presidente Dutra serviu, também, para eventos voltados a concursos de beleza, reuniões políticas, casamentos, carnavais e aniversários de autoridades/líderes de Vila Fronteira Rica/Brasil. Por se tratar de um clube privado, ao passar do tempo, criou-se carteirinha para os associados que pagavam mensalidades, o objetivo de pagamento era no sentido de contribuir para a manutenção do clube.

Ainda em 1.975, além da Igreja católica, outras instituições religiosas começaram a ganhar visibilidade na região de fronteira internacional entre Vila Fronteira Rica/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, devido ao número significativo de adeptos à maçonaria, o que resultou na instalação da “Loja” Maçônica Eduardo Tavares de Matos Filho, nº 36. É importante destacar, aqui, a presença de crenças religiosas de paraguaios e indígenas *guarani-kaiowa* e *guarani-ñandeva*, por meio de rituais cultivados hereditariamente.

### **1.5. A fronteira Internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, 1.976 a 2014: a efetivação político-administrativa da região**

No dia dois (02) de maio de 1.976 foi aprovado o Plebiscito, cujo objetivo principal foi a emancipação, oficial, de Vila Fronteira Rica/Brasil. A prevalência do “sim” transformou em realidade o sonho de independência de muitos moradores da região. Então, no dia 13 de maio, do corrente ano, pelo Decreto Lei Nº 3686, publicado no Diário Oficial nº 17.083. (ANEXOS: PARTE I. ANEXO 07), a região que correspondia à Vila Fronteira Rica/Brasil tornou-se município, obtendo emancipação político-administrativa e tendo como distritos: Rio Verde do Sul ou Vila Caú e Vila Marques, antiga Costa Rica, ambos estabelecidos na 1ª Ata Solene. (ANEXOS: PARTE I. ANEXO 08).

Pelo registrado em documentos oficiais, a fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai teve como primeiros moradores brasileiros os senhores: Afonso Muritz, Afonso Flores, Juvino Fernandes dos Santos e Alferino José da Costa. Ainda, conforme os documentos oficiais, a mistura interétnica era composta por povos matogrossenses, gaúchos e paraguaios. Contudo, é importante frisar a presença do indígena de etnia *guarani-kaiowa* e *guarani-ñandeva*.

---

<sup>26</sup> Foto 15. Cor. Clube Social Presidente Dutra. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira.

Segundo relato de um sujeito considerado pioneiro da região, a política contribuiu, expressivamente, para a emancipação da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai:

INF. foi foi foi hoji automaticamenti é Arar Morera trabalhamu usamu a política pra emancipação ganhamu as pulítica emancipamu u municípiu (4-M-C).

Realizada a criação do município, pelo governador José Garcia Neto, (Magalhães, 2011, p.187), colocou-se em questão à discussão do nome que daria à região, recém emancipada e, que até meados de 1.975, recebera o nome de Vila Fronteira Rica/Brasil. O critério adotado na seleção de nomes para o recém município foi à necessidade de se homenagear expoentes da política fronteira da época. Com base nesse critério, os líderes do Movimento Emancipacionista, em 1.976, em homenagem póstuma, julgaram conveniente intitular a antiga região equivalente à Vila Fronteira Rica/Brasil passar a chamar de Aral Moreira/Brasil.

De acordo com Trenkel (2009, p.13), o Deputado Federal, senhor Aral Moreira, destacou-se, principalmente:

...como pecuarista, ervateiro, jornalista e político nessa região, tendo sido proclamado Deputado Federal em 19.12.1950, com 14,01% dos votos do seu partido. Faleceu em 6 de novembro de 1952 no Rio de Janeiro e os seus restos mortais foram transferidos para o Cemitério de Ponta Porã em 2.004.

A partir dessas informações registradas por Trenkel (2009), verificca-se que, Aral Moreira, tornou-se homem respeitado na fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, motivo que ilustra o fato de a região levar o seu nome.

Por outro lado, na época de seleção de nomes para o município fronteiro, algumas famílias mais antigas da região não concordavam que a antiga Vila Fronteira Rica/Brasil recebesse o nome de Aral Moreira, visto que:

INF. u dotor Arar Moreira qui era pai du dotor Eraldu trabaiava contra esti aqui eli num queria essa cidadi aqui

INQ. pur que será?

INF. eli tinha medu qui invadia a deli u Serru Alegri a fazenda deli (1-M-S. Grifo nosso).

A essa época de 1.976, a fazenda intitulada de “Cerro Alegre” abrigava uma das maiores extensões territoriais, além de ser uma das mais antigas da região. Tal localidade abrigava, ainda, um número significativo de paraguaios, que serviam como

mão de obra especializada para os grandes proprietários do município recém emancipado.

Em 22 de março de 1976, com a visita do governador, do antigo Estado de Mato Grosso, José Garcia Neto, juntamente com a sua comitiva, foi inaugurado o Posto de Saúde, obteve-se, ainda, a implantação de uma clínica dentária completa de laboratório e ambulatório, sob o cuidado do Dr. Nilo Drauwer, cujo convênio era com a “Funrural”.

No dia 10 de novembro de 1976 foi inaugurada a primeira Agência Bancária da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, o Banco Bradesco, tendo como gerente, Juarez Cassimiro, homem dinâmico e que muito ajudou no desenvolvimento do comércio e dos lavradores. No dia 15 de novembro, do corrente ano, foi realizada a primeira eleição. No mesmo ano, além da Escola Estadual João Vitorino Marques, a região passou a contar com a escola municipal Edwirge Coelho Derzi, situada na Costa do Ivaró. A escola atendia alunos, principalmente, oriundos do Distrito de Vila Marques e tinha capacidade para cento e cinquenta (150) discentes.

A essa época, em 11 de outubro de 1.977, o Brasil implantou-se a Lei complementar nº 31, assinada pelo presidente da República Federativa do Brasil, Ernesto Geisel,<sup>27</sup> que dava conhecimento ao país, a divisão do Estado de Mato Grosso em dois: Mato Grosso<sup>28</sup> e Mato Grosso do Sul. Pelo registrado em documentos oficiais (ANEXOS: PARTE 1. ANEXO 09), na época de divisão dos Estados, o MT<sup>29</sup> ficou com trinta e oito (38) municípios distribuídos em seis (06) microrregiões, enquanto MS<sup>30</sup> ficou com cinquenta e cinco (55) municípios agrupados em sete (07) microrregiões.

Ainda em 1.977, no dia 01 de fevereiro, às 10h00min, foi instalado em Aral Moreira/Brasil a Câmara de Vereadores, com sede no Clube Social Presidente Dutra, conforme Lei estadual nº 3686, de 13 de maio 1976. A essa época da implantação da “Casa se Leis” do município fronteiro, os componentes eram compostos por: Presidente: Luís Lopes da Silva; Vice-Presidente: Bento Marques Neto; 1º Secretário: Augusto Alberto Blender; 2º Secretário: Geraldo Antonio Lopes; Vereadores: José Nunes Ferreira; Suplentes: Alcides Marques.

---

<sup>27</sup> Foi um dos que mais trabalhou para a Divisão dos Estados de Norte e do Sul foi o coronel Ernesto Geisel, sendo por isso, condecorado como cidadão de Mato Grosso do Sul, ao estado ter completado sete anos.

<sup>28</sup> O Mato Grosso, na época da divisão, tinha como governador o senhor Cassio Leite de Barros, natural de Corumbá, portanto um sul-mato-grossense.

<sup>29</sup> Mato Grosso.

<sup>30</sup> Mato Grosso do Sul.

É instituído, pela Lei nº 26, de 25 de agosto de 1.977, o Brasão do município de Aral Moreira/Brasil, elaborado pelo professor Arcinoé, com a predominância das cores: verde, amarelo, vermelho e branco.

Para melhor visualização, veja a Figura 16, a seguir:



Figura 16. Cor. Brasão do município de Aral Moreira. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira.

Ao realizar breve leitura da bandeira, verifica-se que as torres evidenciam representar o poder municipal iluminado pela cor vermelha, símbolo do amor pátrio, a cor prata pode se referir ao trabalho, à prosperidade e a pureza. A cabeça do boi e a tora de madeira evidenciam fazer alusão às atividades econômicas do município, tais como: a pecuária e a indústria extrativista de madeira existente na época da criação do município. Já a cor preta, usada no escudo, referencia a austeridade, a prudência, a sabedoria, a moderação e a firmeza de caráter. O verde representa a primeira atividade econômica do município, que era a erva-mate dando origem ao povoado que conseqüentemente cresceu e se emancipou. Os ornamentos exteriores: o feijão, a soja e o arroz, representam os produtos oriundos da terra dádiva férteis, que contribuem para o desenvolvimento econômico do município. No listel vermelho consta a data da emancipação, 13 de maio de 1977, e o topônimo identificador, Aral Moreira.

Ainda em 1.977, verifica-se outro símbolo municipal, elaborado pelo professor Arcinoé, a bandeira de Aral Moreira, conforme se pode observar na Figura 02:



Figura 17. Cor. Bandeira do município de Aral Moreira. Fonte: Prefeitura municipal de Aral Moreira.

Nota-se que a bandeira tem forma retangular, conforme a tradição herdada dos portugueses. A parte verde evidencia as propriedades rurais, a honra, a civilidade, a cortesia, à alegria e à abundância copiosa da colheita. Já a parte branca faz alusão à paz, à amizade, ao trabalho, à prosperidade, à pureza e à religiosidade. É marcada por uma cruz vermelha lembrando o simbolismo do espírito cristão (católico) de seu povo. Verificam-se, ainda, no centro, o brasão, e por trás o círculo branco, ambos representando a sede do município.

Em meados de 1.977, foi elaborado, ainda, pelo professor Nelson Biasoli<sup>31</sup>, obedecendo ao Decreto de Lei nº 4545, de 31 de julho de 1.942, com relação ao Hino Nacional. O hino de Aral Moreira/Brasil tem a sua letra com destaque os desbravadores e colonizadores do nosso município, além de enaltecer o amor-pátrio por esta “Terra Querida”, citado no hino.

A seguir, pode-se observar o hino de Aral Moreira/Brasil, em fragmentos comentados.

<sup>31</sup> É autor de mais de 500 composições musicais (letra e música) sendo considerado recordista mundial na criação de hinos.

Estribilho: Salve, salve minha gente tão querida.  
 Salve, Salve o trabalho e a União.  
 Amarei Aral Moreira por toda vida  
 “Primeiro Grito de Civilização”

Na primeira estrofe do hino, pode-se observar a presença marcante da interjeição “Salve”, que funciona no início do Hino como saudação a “Gente de Aral Moreira”, atribuindo-lhes característica de “querida”. Isso evidencia, ainda, o traço marcante desse povo, hospitaleiro, possível a qualquer turista notar o acolhimento afetuoso. A interjeição “Salve” também ratifica saudação ao trabalho, desde os primórdios, com o Ciclo da Erva-Mate, a Extração de Madeira, o Cultivo de Café e, na contemporaneidade, o destaque abundantemente da Agropecuária.

O trecho “Amarei Aral Moreira por toda vida; Primeiro Grito de Civilização” pode evidenciar o “grito de independência” político-administrativo do município de Aral Moreira, destacado com o recurso “entre aspas”, justamente devido à intertextualidade alusiva ao contexto histórico brasileiro vivenciado em 1.822, com o Grito de Independência do país. No hino, grita-se a independência político-administrativa do município de Aral Moreira, que até o momento era distrito de Ponta Porã/Brasil.

Rio Verde antigo: Fronteira Rica  
 Brilha a estrela no infinito céu azul  
 És orgulho desta Pátria Bendita  
 És Brasil, és Mato Grosso do Sul

Uma vez realizado o cumprimento à população aralmoreirense, por meio da interjeição “Salve”, exemplificada na primeira estrofe do hino. A segunda estrofe traz à tona a localização do município, sendo uma cidade, Aral Moreira, do Estado de Mato Grosso do Sul, do país Brasil.

O Rio Verde do Sul (1.883 a 1.940), citado no hino, faz referência ao primeiro nome da região que, de acordo com os depoimentos com sujeitos considerados pioneiros da região em foco e levantamentos bibliográficos, o território que forma o atual município de Aral Moreira foi, pela primeira vez, explorado no fim do século XIX, com a fixação de gaúchos e paulistas, dentre eles, Tomás de Laranjeira.

É fundamental reafirmar a presença, no antigo território denominado de Rio Verde do Sul, de indígenas de dois subgrupos, quais sejam: *Guarani-kaiowa e guarani-ñandeva*. Além disso, é importante destacar a presença de sujeitos de ascendência

paraguaia que, por se tratar de uma região, geograficamente, privilegiada, fez com que a mescla entre povos brasileiros (matogrossenses e gaúchos), paraguaios e indígenas (guarani-kaiowa e guarani-nandeva) tornasse a região com povos de nacionalidades diferentes, portanto, uma região de fronteira entre Brasil e República do Paraguai singular.

Outro aspecto a ser destacado é a variedade de nomes que o atual município de Aral Moreira e alguns distritos receberam durante todo seu desbravamento histórico. Contudo, o hino apresenta dois nomes, considerados significativos, quais sejam: o “Rio Verde do Sul” e a “Vila Fronteira Rica”. O primeiro nome pode fazer alusão ao Rio Verde, que deságua no Rio Paraná, que banhava todo o antigo estado de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul. Embora o Rio Verde não seja navegável, no período de ocupação, os rios serviam, também, como referência de território.

Além das designações apresentadas no hino, “Rio Verde do Sul” e “Vila Fronteira Rica”, o atual município de Aral Moreira/Brasil recebeu o nome, por muito tempo, de “Colônia General Dutra” (1.940 a 1.975). De acordo com pesquisas exaustivas realizadas pelo presente autor, há a possibilidade de que ambos os nomes – “Vila Fronteira Rica” e “Colônia General Dutra” – foram usados em épocas similares, portanto, em consonância. Por fim, numa sequência toponímica têm-se os seguintes nomes em ordem diacrônica: Rio Verde do Sul; Colônia General Dutra, em consonância, Vila Fronteira Rica e Aral Moreira.

Estrilho:	Salve, salve... Campo de gado e matas douradas Planalto de progresso e esplendor Cultiva a planta da felicidade Colhe a semente do amor.
-----------	--

A terceira estrofe do hino inicia com a saudação às terras férteis do próspero município de Aral Moreira/Brasil, bem como a abundância no setor agropecuário, o que confirma sua importância para a economia da região. No trecho: “Cultiva a planta da felicidade”, pode-se fazer analogia à Lenda do antigo oriente, de uma árvore mágica (Planta da Felicidade ou Árvore da Felicidade), cuja premissa dizia trazer felicidades e realizações a todos que passassem por Ela.

Já a passagem: “Colhe a semente do amor”, observa-se a alusão que o hino faz, especificamente, ao homem do campo, de modo geral, independente de sua posição social, política, religiosa, ideológica, dentre outras; com relação ao progresso do município de Aral Moreira/Brasil.

Estrilho:	Salve, salve... Deus doutou-a de tanta beleza Este meu torrão natal Que nem canta um poeta
Bis	E nem sonha um mortal

A quarta estrofe do hino também é iniciada com a interjeição “Salve”, evidenciando, agora, o amor de Deus para/com a região em questão e o estendendo aos habitantes do município de Aral Moreira/Brasil, dotada de tamanha beleza “que nem um poeta” é capaz de descrevê-la e que nem um mortal é capaz de sonhá-la. É importante destacar, ainda, que a estética da cidade de Aral Moreira apresentada no hino, é uma beleza incomparável, admirável e indescritível. Por esse motivo, não a descrevemos, mas sentimos.

Entrelaçamento de raças gigante  
Povo audaz valente destemido  
Forte gentio, heróicos brasiguaios,  
São todos teus filhos  
Oh! TERRA QUERIDA.

A última estrofe do hino reafirma a miscigenação social, cultural, étnica, religiosa, dentre outras; existente na fronteira de Aral Moreira/Brasil com a República do Paraguai, especificamente, com o Departamento Santa Virginia/Paraguai. A estrofe caracteriza, ainda, o povo aralmoreirense como “audaz”, “valente”, “destemido”, “forte”, “gentio”, “heróico” e “brasiguai”. Ou seja, povo guerreiro, ousado e dentre outros adjetivos que seguem a ideia da designação, do ponto de vista da sinonímia. É importante destacar que a unidade lexical: “Brasiguai”, reitera a noção de mescla populacional do município de Aral Moreira/Brasil, como: os brasileiros, os paraguaios, os indígenas, que juntos compõem uma fronteira entre Brasil e República do Paraguai única, singular, com traços peculiares.

A estrofe reafirma, também, a influência que a região de Aral Moreira sofreu no decorrer dos anos, com a presença de “povos mestiços<sup>32</sup>”, advindos de outras regiões do Estado, do país, e inclusive do país vizinho, a República do Paraguai. Dentre as inúmeras influências, destacam-se: a culinária, como o arroz de carreteiro, o churrasco, a sopa paraguaia, a cuca, o vori-vori, dentre outras comidas que desenha, a cada

---

<sup>32</sup> Povos mestiços: Expressão entendida, aqui, como a mistura social, étnica, cultural, religiosa e ideológica entre povos de “nacionalidades” diferentes que habitam uma região de fronteira entre dois países.

amanhecer, a identidade culinária da região. A bebida, como o *tereré*<sup>33</sup>, o chimarrão e o vinho. A dança, como o vanerão, o chamamé, a *Katchaka*, o Catira, dentre outras. Além de danças, genuinamente, de rituais indígenas.

Nota-se, ainda, a influência no aspecto linguístico, com a presença de línguas como: o português, o espanhol, e a junção das duas, que equivale ao termo “portunhol”. (prefixo “portu” equivale à língua portuguesa. Já o sufixo “nhol” é referente à língua espanhola). A mistura da língua espanhola e da língua guarani equivale ao “jopará”. Observam-se, também, as variantes linguísticas distribuídas entre padrão e não-padrão. Portanto, verifica-se que a fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai é um universo composto pelo mosaico social, cultural, identitário, religioso, linguístico, ideológico, dentre outros; resultando numa situação mesclada, misturada, portanto, híbrida.

Ainda na última estrofe do hino, o trecho: “São todos teus filhos. Oh! TERRA QUERIDA,” nota-se alusão aos povos fronteiriços de variedade étnica que compõe a fronteira pirotesca e “rurbana<sup>34</sup>” de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai. Desse modo, reafirma, que independente de cor, raça, credo, dentre outros; são todos filhos do município de Aral Moreira/Brasil.

Realizado a apresentação do hino, por meio de fragmentos interpretativos, verifica-se, pelo registrado em documentos oficiais que, em 1.977, realizou-se o empossamento dos vereadores. Na ocasião, ficou estabelecido que o Presidente da Câmara Municipal de Aral Moreira/Brasil deveria assumir a Prefeitura enquanto não houvesse a definição, efetivamente, para a comuna. Considerando a orientação, o vereador Luiz Lopes da Silva foi empossado no cargo de Prefeito Interino do município. (ANEXOS: PARTE I. ANEXO 08). Posteriormente, no dia 17 de fevereiro de 1.977, Jaime Marques assumiu a prefeitura, também na qualidade de prefeito interino. E assim, a administração política do município de cidade de Aral Moreira/Brasil ia ganhando formato.

Com a divisão do estado em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em 11 de outubro de 1.978, foi escolhido, pelo povo sul-mato-grossense, os deputados que formaram a Primeira Assembleia Constituinte. Ainda na década de 78, devido ao grande

---

<sup>33</sup> Bebida feita com a infusão da erva-mate consumida com água, limão, hortelã, entre outros. Diferentemente do chimarrão que é feito com água quente, o tereré é consumido com água fria, resultando em uma bebida agradável e refrescante.

<sup>34</sup> “rurbana”, termo entendido aqui como o continuum entre rural ao urbano, citado em trabalhos de Stella Maris Bortoni-Ricardo.

fluxo de veículos e maquinários utilizados na pequena extração de madeira e na grande produção de soja, foi instalado o primeiro Posto de Combustível intitulado de: “Ipiranga: Auto Posto Fronteira LTDA”, cujo proprietário era Irineu Domingos Soligo, migrante gaúcho.

A foto 13, a seguir, revive a instalação do Posto de Combustível, popularmente conhecido como “Ipiranga”. A foto ainda ilustra o momento que pode ser caracterizado como o “divisor de águas” entre o fim da extração de madeira e o início da agropecuária.



Foto 18. Cor. Primeiro Posto de Combustível: Ipiranga - Auto Posto Fronteira LTDA. Fonte: Marciéli Marlucci Trenkel.

Enquanto a fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai ia se evoluindo e ganhando formato de cidade, no dia 01 de janeiro de 1.979, após a eleição de deputados para compor a Assembleia Constituinte, os deputados tomaram posse<sup>35</sup>, perante o primeiro governador do Estado de Mato Grosso do Sul, Harry Amorim Costa, natural do Rio Grande do Sul, radicado em Campo Grande, capital do Norte do Estado. Um dos atos do primeiro governador de MS foi à criação da Bandeira do Estado, pelo decreto nº 1, de 1º de janeiro de 1.979. A bandeira foi elaborada por Mauro Miguel Munhoz, e juntamente foi oficializado o Hino de Mato

<sup>35</sup> Os deputados que tomaram posse foram: posse Londres Machado (Presidente); Cecílio de Jesus Caeta (1º vice-presidente); Walter Benedito Carneiro (2º vice-presidente); Horácio Cerzósimo de Souza (1º secretário); Waldomiro Alves Gonçalves (líder da arena); Sergio Manuel da Cruz (líder do M.D.B); Alberto Cubel Bruel; Ary Rigo; Osvaldo Ferreira Dutra; Paulo Roberto Capibaribe Saldanha; Ramx Tebet; Rodel Espindola Trindade; Zenobio Neves dos Santos; Odilon Massahitsi Nacasato; Onevam José de Matos; Roberto Noaccar Orro e Sultan Rassian.

Grosso do Sul, com música de Radamás Gnattali, letra de Jorge Antonio Siufi e Otávio Gonçalves Gomes. (ANEXOS: PARTE I. ANEXO 09).

Em Aral Moreira/Brasil, no dia dezessete (17) de fevereiro de 1.979, o segundo prefeito do município, Jaime Marques, deixava o cargo, que passou a ser assumido, somente em 05 de julho do corrente ano, pelo Bento Marques, que ficou à frente da prefeitura por um curto período, atuando como Prefeito Interino até cinco (05) de outubro de 1.979.

Pelo registrado em documentos oficiais (ANEXOS: PARTE I. ANEXO 10), assinado pelo quarto (4º) Prefeito de Aral Moreira, dessa vez, nomeado através do Ato Governamental de 05 de outubro de 1.979, Rômulo Lolli Ghetti, verifica-se que, a época equivalente a 1.979, a população era de aproximadamente dezenove mil e cem (19.100 habitantes), sendo dez mil e oitocentos (10.800) na zona rural, e oito mil e trezentos (8.300) na área urbana. Com base nos dados estatísticos, nota-se que esse período foi o mais populoso.

Os meios de Comunicação, da época de 1.979, eram principalmente: Viação Fronteira, empresa de ônibus responsável pelo deslocamento dos sujeitos que residia em Aral Moreira/Brasil a outras localidades, o telefone e o rádio de polícia.

Ao que se refere à base econômica, em 1.979, de acordo com os documentos oficiais consultados, a Agricultura era atividade predominante. Dessa forma, a região produzia com abundância a soja, o arroz, o milho, o feijão e o trigo. Embora o destaque de atividade seja dado à agricultura, não se pode deixar de mencionar a pecuária, caracterizado por um expressivo rebanho bovino.

Enquanto a fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai ia ganhando progresso e visibilidade regional, no que se refere ao contexto macro de Mato Grosso do Sul, em 07 de setembro de 1.980, tomou posse, nomeado pelo Presidente da República, o novo governador do Estado de MS, Pedro Pedrossian, que governou até 15 de março de 1.983, optando pela regionalização do desenvolvimento.

Após a divisão do Estado de Mato Grosso em dois, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, o Estado ia se configurando, principalmente, no aspecto político-administrativo. No que diz respeito ao contexto micro, em 1.980, o município de Aral Moreira/Brasil já contava com duas (02) Escolas Estaduais, sendo elas: Escola Estadual João Vitorino Marques e Escola Estadual Doutor Fernando Corrêa da Costa.

Em 1.982, na administração do prefeito Rômulo Lolli Ghetti, o município de Aral Moreira/Brasil passou a contar uma (01) Praça Pública Central, intitulada de “Felisberto F. Marques”. Além disso, a região passou a contar com uma (01) Biblioteca Pública Central instalada dentro da Praça Felisberto F. Marques. O objetivo de instalação da Praça e da Biblioteca Pública Central era o de auxiliar os alunos e demais membros da comunidade de fronteira em pesquisas e leituras em geral, contribuindo, assim, para a formação da população leitora.

As Fotos 19 e 20, a seguir, apresentam e rememoram, por meio da imagem, a solenidade de inauguração da Praça e Biblioteca Pública Central, em meados de 1.982.



Foto 19. Cor.<sup>36</sup>

Foto 20. Cor.<sup>37</sup>

Em 1.984, a fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai já tinha evoluído bastante, porém, ainda, carecia de recursos indispensáveis para a continuação de seu progresso, como, por exemplo, estradas.

A seguir, a reprodução de uma entrevista realizada com um sujeito considerado pioneiro da região apresenta e revive, via-memória, a ausência de estradas em Aral Moreira/Brasil, bem como suas consequências:

INF. teve uma época que nós fiquemo ilhado aqui em 84 nem poraqui nem poraqui ia pra Ponta Porã cê tinha que i te uma artura cê ia te ali o Rincão de Julho e vinha um ônibus até uma artura dela cê andava de a pé mais o meno um quilômetro e poco e pegava outro ônibus pra i pra Ponta Porã e poraqui num passava ali na fazenda São Paulo meteu água ali era tudo chão né num passava na época foi um Deus nus acuda já pensô poco recurso” (5-M-C).

<sup>36</sup> Foto 19. Cor. Solenidade de Inauguração da Praça Felisberto F. Marques. Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Aral Moreira.

<sup>37</sup> Foto 20. Cor. Interior da Biblioteca Pública de Aral Moreira. Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Aral Moreira.

Em 1.986, o município de Aral Moreira/Brasil já possuía em sua jurisdição os distritos de Rio Verde do Sul e Vila Marques, com área total de aproximadamente 1.851 km. É interessante destacar que, na época, o distrito de Vila Marques já contava com a “Associação Comunitária de Vila Marques - ASSOVIMA”, localizada na Rua Manoel Ramos, número 252. De fato, a Associação entre produtores rurais de Vila Marques gerou grande visibilidade no setor Agropecuário, automaticamente, contribuindo para o desenvolvimento do município de Aral Moreira/Brasil.

No ano de 1.987, cerca de cinquenta (50) indígenas, de etnia *guarani-kaiowa* e *guarani-ñandeva*, que viviam na República do Paraguai, passaram a frequentar, constantemente, as regiões próximas ao Rio Verde. Eles saíam do Cerro XXI, localizado no Departamento Santa Virginia/Paraguai e subiam até as margens do Rio Verde. Em pouco tempo, fixaram uma aldeia, porém não reconhecida, oficialmente, como parte do município de Aral Moreira/Brasil. O motivo de emigração indígena, das etnias acima mencionadas, dava-se devido à busca de caça e pesca, e, a região ocupada, na época, ficava a margem do Rio Verde, o que contribuía, significativamente, para a pesca, além de outras questões próprias da subsistência indígena.

A relação entre alguns políticos de Aral Moreira/Brasil com os indígenas de etnia *guarani-kaiowa* e *guarani-ñandeva* não era harmoniosa. Conforme relato de um sujeito, considerado pioneiro da região, em 1.987, alguns governantes da cidade de Aral Moreira/Brasil não gostavam da “ocupação” indígena.

INF. na época du Seu Geraldu nóis tentemu acaba cum aquela ardeia lá aí levaram tudu os índiu imhora tinha assim tipu cincuenta índiu levaram tudu imhora aí u: Geraldu falou pra mim i cum as maquina lá i tranca as istrada du Guassuty pra essis índiu num vortá falei Seu Geraldu issu num ixisti índiu num anda pela istrada índiu anda de a pé a:: num deu otra fomu com as maquina na istrada nu otru dia nóis inxerguemu uma fumacinha i já tarram tudu lá dentro aí qui issu foi em oitenta i seti nessa época nóis tava briganu pra tira eles qui u Gerlado fico até noventa i treis aí: elis entraram i num saíram mais/tomaram conta da fazenda aí tiveram que dá pra elis um pedaço di terra elis teim novicentus hequitari quatru fazenda num sei di quem era a: fazenda só sei qui era quatru donu issu foi im oitenta i seti em dianti tirava elis vortava tirava i elis vortava ai elis entraram e num saíram mais (5-M-C. Grifo nosso).

No excerto acima, verifica-se, nitidamente, a resistência de índios *guarani-kaiowa* e *guarani-ñandeva*, diante da posição adotada de alguns governantes do município de Aral Moreira/Brasil e de alguns líderes da região. Portanto, o período que equivale a 1.987, pode ser considerado o momento de confronto entre culturas diferentes,

decorrente do contato entre sujeitos indígenas e não-indígenas, cujo um dos objetivos era a “apropiação” de terras.

Em 1.989, a produção de soja, de milho, de farinha, dentre outras atividades relativas à agricultura, foi abundante. Em virtude da grande produção agrícola, os produtores realizaram um Projeto Solidário chamado de “Natal do Carente”.

As fotos 21 e 22, a seguir, ilustram e rememoram, por meio da imagem, o Projeto Solidário intitulado de: “Natal do Carente”, em meados de 1.989.



Foto 21. Cor.<sup>38</sup>

Foto 22<sup>39</sup>

O Projeto intitulado “Natal do Carente” foi um movimento cujo objetivo principal era o de doar brinquedos e alimentos (milho, batata, farinha, dentre outros) produzidos pelos produtores rurais, que, de alguma forma, servia como alimento para as comunidades mais carentes da região. Dentre essas comunidades desprovidas de alimento, curiosamente, destacavam-se alguns sujeitos oriundos do Departamento Santa Virginia/Paraguai, além de alguns indígenas de etnia *guarani-kaiowa* e *guarani-ñandeva*.

Ainda em 1.989, porém já na administração do sétimo prefeito de Aral Moreira, Geraldo Antonio Lopes, e, devido ao avanço significativo da Agropecuária na região, foi criada a Primeira (1ª) Festa do Peão Boiadeiro. O Evento contava com o apoio do Correio Popular, do Sindicato Rural e da Prefeitura Municipal de Aral Moreira/Brasil. A respeito da Festa do Peão Boiadeiro de Aral Moreira/Brasil, Sampaio (2006, p.211), registra que a Evento era constituído de “três dias, no mês de setembro, com rodeios, shows e barracas com comidas típicas da região”.

<sup>38</sup> Foto 21. Cor. Projeto: Natal do Carente em Aral Moreira/Brasil. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira.

<sup>39</sup> Foto 22. Cor. Projeto: Natal do Carente em Aral Moreira/Brasil. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira.

As fotos 23 e 24, a seguir, retratam e revivem, por meio da imagem, a Primeira (1ª) Festa do Peão Boiadeiro de Aral Moreira/Brasil, fruto do reconhecimento e da expansão agropecuária da região fronteiriça.

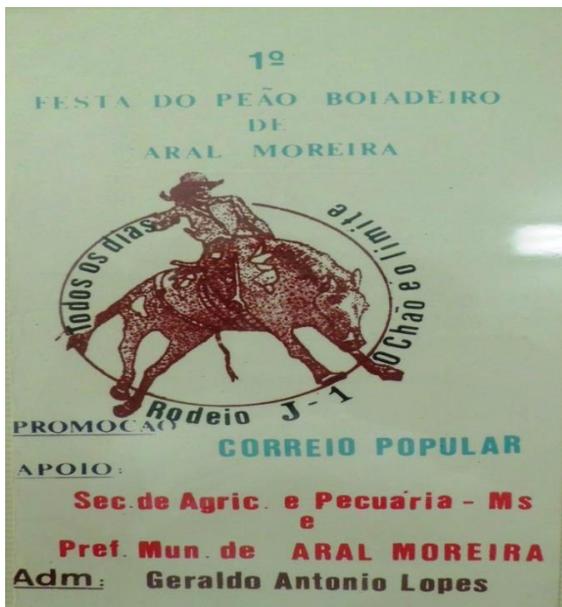


Foto 23. Cor.<sup>40</sup>



Foto 24. Cor<sup>41</sup>

A Foto 17 retrata e rememora o primeiro Concurso de Beleza da região, realizado durante a Primeira (1ª) Festa do Peão Boiadeiro de Aral Moreira/Brasil. O Concurso elegia e premiava as seguintes categorias: a Rainha da festa, a primeira (1ª) Princesa e a segunda (2ª) Princesa. O concurso pode ser considerado o marco inicial para outros concursos de beleza, realizados posteriormente, como: Garota Regional; Miss Aral Moreira; Garoto e Garota João Vitorino Marques; Garota Vila Marques e Rainha de Festijum<sup>42</sup>. Certamente, esses concursos de beleza atraíam pessoas de cidades circunvizinhas, o que contribuiu para que a fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai ganhasse, ainda mais, visibilidade regional.

Passado alguns anos, em 1.992, curiosamente, a Aldeia *Guassuty* foi oficialmente reconhecida. No entanto, é importante destacar que, por muito tempo, a população, de etnia *guarani-kaiowa* e *guarani-ñandeva*, ficou alojada na Área indígena Limão

<sup>40</sup> Foto 23. Cor. Cartaz da 1ª Festa do Peão Boiadeiro. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira.

<sup>41</sup> Foto 24. Cor. Rainha; 1ª Princesa e 2ª Princesa da 1ª Festa de Peão Boiadeiro. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira.

<sup>42</sup> Festijum era uma festa junina promovida pela Prefeitura Municipal em parceria com todas as instituições de ensino de Aral Moreira.

Verde,<sup>43</sup> aguardando a decisão do Ministério da Justiça, retornando à área equivalente à Aldeia *Guassuty* em dezembro de 1992.

Após o retorno da população indígena, de etnia *guarani-kaiowa* e *guarani-ñandeva*, Segundo Matoso (2006, p.12), “a população kaiowa da área indígena *Guassuty* é de 350 pessoas, são subgrupos do Tronco Tupi Guarani e habitam uma área de 958 hectares”.

Ainda em 1.992, com o objetivo de incentivar a diversificação da produção, com o apoio da Prefeitura Municipal e do Departamento Municipal de Agricultura de Aral Moreira/Brasil, foi criado o Projeto intitulado: “Feira do Produtor”.

As Fotos 25 e 26, a seguir, ilustram e reconstrói, por meio da imagem, outra época, considerado pertinente para a agricultura da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai.

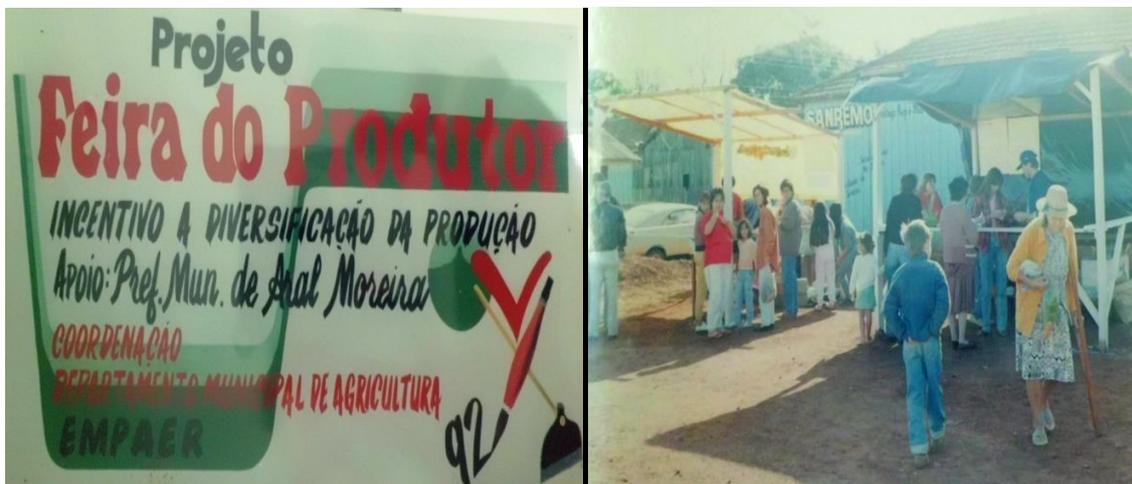


Foto 25. Cor.<sup>44</sup>

Foto 26. Cor.<sup>45</sup>

Segundo a fala de alguns informantes, considerados pioneiros da região em foco, ao período equivalente a 1.992 havia um projeto denominado: “Feira do Produtor”, que visava incentivar a diversificação da produção de pequenos produtores rurais que residiam na fronteira do Brasil com a República do Paraguai. A Feira era composta por barracas de madeiras e lonas de caminhão no centro da cidade de Aral Moreira/Brasil. Dentre os produtos comercializados, destacavam-se: a mandioca, o arroz, o milho, o café e a erva-mate.

<sup>43</sup> Embora oficialmente seja registrada com o nome de Aldeia Limão Verde, sabe-se que a Aldeia também conhecida como *Aldeia de Amambai*. A área indígena fica na cidade de Amambai, no Estado de Mato Grosso do Sul.

<sup>44</sup> Foto 25. Cor. Placa do Projeto intitulado: “Feira do Produtor”. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira.

<sup>45</sup> Foto 26. Cor. Feira do Produtor em Aral Moreira/Brasil. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira

É importante mencionar que, atualmente não há mais a manutenção dessa tradição da Feira do Produtor, porém há a celebração, todos os anos, do “Dia de Campo”, cujo objetivo é a reunião de produtores rurais de Aral Moreira/Brasil e regiões circunvizinhas, a fim de discutir e compartilhar experiências, específicas da área Agropecuária.

Pelo registrado em documentos oficiais, cedidos pela Prefeitura Municipal de Aral Moreira, já em 1.996, a estimativa da população aralmoreirense era de, aproximadamente, 7.082 habitantes. Em virtude ao número de habitantes que residiam na fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, em maio, de 1.990, inaugurou-se a Escola Municipal Rural intitulada de: “Homero Dutra”, cujo intuito era o de proporcionar o ensino básico aos alunos de zona rural.

Após a independência político-administrativa da cidade de Aral Moreira/Brasil, o município passou a investir, rigorosamente, em solenidades cívicas, como: desfile na Semana da Pátria e no Aniversário de Emancipação Político-Administrativa da cidade; manutenção da Fanfarra Municipal; e no constante hábito de cantar o hino nacional, seja na Praça Pública Central, nas Escolas Públicas ou em frente à Prefeitura Municipal de Aral Moreira/Brasil.

A título de ilustração e reconstrução de Atos Cívicos na região, observe, a seguir, as Fotos 27 e 28.



Foto 27. Cor<sup>46</sup>



Foto 28. Cor<sup>47</sup>

Durante as Solenidades Cívicas, principalmente, na Semana da Pátria que comemora a Independência do Brasil, a Fanfarra Municipal se apresentava para as autoridades (Foto 17). Os alunos, da Rede Pública Municipal e Estadual, também

<sup>46</sup> Foto 27. Cor. Fanfarra Municipal de Aral Moreira. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira.

<sup>47</sup> Foto 28. Cor. Solenidade Cívica na Praça das Cuias em Aral Moreira/Brasil. Fonte: Prefeitura Municipal de Aral Moreira.

participam de tal Ato, geralmente, realizado na Praça Pública Central, intitulada de “Praça das Cuias”. (Foto 18).

O Desfile Cívico em comemoração à Independência do Brasil acontecia no dia sete (07) de setembro, na Rua trinta e um (31) de março. O Ato Cívico contava com a presença das instituições de ensino (Municipal e Estadual) Fanfarra Municipal de Aral Moreira/Brasil, Fanfarra de Ponta Porã/Brasil, Agentes de Saúde, Polícia Militar, o Exército local e o de Ponta Porã. No Ato Cívico, eram hasteadas e arriadas por autoridades da região, como: Prefeito, Vice-Prefeito e Vereadores, as bandeiras do município de Aral Moreira, de Mato Grosso do Sul e do Brasil.

Curiosamente, Barbosa, ao realizar breve análise interpretativista sobre o hino do município de Aral Moreira/Brasil, registra que, em 2.014, foi “aprovado pelos vereadores da Câmara Municipal da região em questão, a Lei que torna obrigatória a execução do hino da cidade em escolas e demais eventos de caráter cívico” (BARBOSA, 2014, p.01). Ou seja, somente após trinta e nove (39) anos de independência político-administrativa, torna Lei e reconhece que cantar o hino é, antes de tudo, honrar, adorar, invocar um acontecimento histórico, cultivando a identidade e a história (ambas em construção) de um povo.

Na contemporaneidade, a comunicação entre a fronteira de Aral Moreira/Brasil com o país vizinho, República do Paraguai, faz-se diariamente com o trânsito de indivíduos ou de veículos por suas ruas interligadas, ou através das emissoras de rádio e jornais que circulam, levando informação aos habitantes locais, uma interação e convivência como se fosse uma única cidade.

Fernandes (2005, p. 185), ao apresentar um estudo relativo ao “Proyecto Escuela de Frontera Brembatti Calvoso/Brasil y Escuela n°290 Defensores dol Chaco/Paraguai”, da fronteira seca de Ponta Porã/Brasil com Pedro Juan Caballero/Paraguai, pondera que cruzar a fronteira é:

“para nós aqui é apenas atravessar a rua, não podemos esperar que deixe do outro lado sua cultura, seus costumes, sua língua materna, enfim sua identidade. Deste modo, qualquer turista poderá observar a cultura brasileira, paraguaia, indígena, de imigrantes, de povos minoritários, atravessando a fronteira diariamente, por diversos motivos, necessidade de comunicação, comércio, emprego, dentre outros.”

Além disso, outro traço se mostra peculiar da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, que é a forte presença de hortaliças e pomares frutíferos nas residências dos sujeitos que habitam essa região fronteiriça. A

partir do olhar etnográfico se verifica nas casas residenciais pequenas hortas, em sua maioria, situadas ao fundo dos terrenos, com a presença do famoso “cheiro verde”<sup>48</sup>, utilizado, também, para temperar a comida diária e fazer remédios caseiros, em prol do bem estar da saúde da população do município. Não só as hortaliças, mas também se observa nessa região, os pomares frutíferos, utilizados para fazer sucos naturais e xaropes.

Barbosa (2012, p. 22-3) afirma que “esse hábito de plantar árvores frutíferas e hortaliças, dentro aos fundos dos terrenos de casas residenciais, talvez seja uma tradição hereditária, vinda de pessoas mais velhas”, em outras palavras, pelos colonizadores da região. Dessa maneira, pode-se classificar essa pequena produção de pomares frutíferos e hortaliças, como de agricultura familiar, ou seja, aquela que não visa fins lucrativos.

Quanto ao clima da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, Sampaio (2006, p. 209) ressalta que o clima é: “Tropical Úmido, com um a três meses secos. O total médio anual de pluviosidade é de 1.600 mm, com as chuvas concentradas no período de setembro a abril”. Desse modo, graças à sua localização, na fronteira internacional entre o Brasil e a República do Paraguai em foco, há duas estações bem definidas, sendo elas: inverno seco e verão chuvoso.

Ainda com relação ao clima de Aral Moreira/Brasil e do Departamento Santa Virginia, é importante mencionar que o clima é distinto de maior parte do Estado de Mato Grosso do Sul, tornando-se possível a qualquer viajante perceber a diferença na temperatura que no inverno ou no período chuvoso, a fronteira em questão fica coberta por intensa neblina, o que torna difícil a visibilidade dos motoristas, exigindo desses, maior cuidado no trânsito para evitar acidentes.

Em se tratando de economia, tanto a cidade de Aral Moreira/Brasil quanto o Departamento Santa Virginia/Paraguai é movida pela Agricultura e a Pecuária (Agropecuária). Silva (2007, p. 20-1) considera que:

O município desenvolve as atividades de pecuária e agricultura. No caso da pecuária o rebanho componente do Município de Aral Moreira é composto de gado de leite e de corte, destacando entre o rebanho bovino as raças de: Giro Nelore e Holandês, motivado pelo excelente clima e as propícias pastagens existentes na região. (2007, p. 20-1)

Pode-se afirmar que, atualmente, grande parte da economia do município de Aral Moreira é movimentada pelas atividades desenvolvidas na área rural, através da criação

---

<sup>48</sup> Consiste na mistura de salsinha, cebolinha, manjerona e outros temperos verdes.

de gados, geralmente no país vizinho: República do Paraguai. Tendo em vista o número significativo de rebanhos bovinos na região fronteiriça, todo ano, especificamente no mês de maio, é realizado a Festa da Padroeira, pela Igreja Católica. O evento conta com Leilões de gados, doados por brasileiros, moradores da cidade, que possuem seu rebanho bovino em fazendas localizadas na República do Paraguai.

Diante da realidade socioeconômica, dos aspectos históricos e geográficos da fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai, o que podemos dizer dos aspectos culturais? Como explicar o prazer de tomar o *tereré* ou comer uma chipa paraguaia? Não são apenas os paraguaios que gostam dessa culinária. E quanto aos ritmos musicais? Quem não gosta de dançar *kachaka*, polca, vanerão ou sarandeiro? Como se nota no cotidiano de sujeitos radicados na fronteira, o gosto pela culinária, pela dança ou pela música é comum entre os dois povos. (brasileiros e paraguaios).

Ainda na contemporaneidade, a população aralmoreirense é formada por uma considerável variedade étnica, contudo, a união dos habitantes, geralmente rurais, da fronteira entre o Brasil e a República do Paraguai em foco merece destaque, uma vez que costumes e hábitos ultrapassam os “limites fronteiriços”, do ponto de vista geopolítico, seja na dança (vanerão, *kachaka*, chamamé, polca), na bebida (*tereré*), na culinária (sopa paraguaia e chipa) ou na música (boleros e polca paraguaia) que já chegaram a outros Estados do Brasil, como Mato Grosso.

Na pequena cidade do interior de Mato Grosso do Sul é comum ver as pessoas nas rodas de *tereré*, conversando em frente as suas casas residenciais ou de amigos, bem como em locais públicos, como Praças Públicas Centrais, Ginásio Poliesportivo, dentre outras localidades. O olhar etnográfico nos proporciona a afirmar que, em sua maioria, verifica-se que as famosas “Rodas de *Tereré*” são encontradas no fim de tarde, horário em que grande parte da população aralmoreirense encerra o expediente de trabalho.

Ao considerar os aspectos educacionais, verifica-se que, atualmente, o município de Aral Moreira/Brasil conta com três (03) Escolas Públicas Estaduais, sendo uma delas no Distrito de Vila Marques, quatro Escolas Públicas Municipais, distribuídas entre os distritos de São Luís, Rio Verde do Sul e Vila Marques. Além disso, a região conta com uma escola indígena, localizada na aldeia *Guassuty*. A cidade possui, ainda, um Pólo da UNIGRAN<sup>49</sup>, local em que grande parte da população gradua o ensino superior à

---

<sup>49</sup> Centro Universitário da Grande Dourados.

distância. Outro ponto que chama atenção é o fato de que a região, ainda, não possui instituição de ensino regular privada.

A fronteira de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia continua, a cada amanhecer, construindo e a desenhando sua história. Dessa maneira, não podemos deixar de mencionar que não limitamos o assunto sobre o “Panorama Histórico de Aral Moreira/Brasil e Departamento Santa Virginia, marcada por lutas, sofrimento e embates étnicos, linguísticos, ideológicos e políticos, que sem sempre foram harmoniosos. Certamente, essa fronteira internacional entre Brasil e República do Paraguai, ainda, possui muitos aspectos a serem explorados e documentados, mas com o presente estudo, tentamos mostrar o desbravamento histórico ocorrido nesse rico universo, ora brasileiro, ora paraguaio, portanto, híbrido.



A pedido do autor os Capítulos 2, 3 e 4 foram retirados do pdf.

## Considerações em processo

Conforme se pode notar no subtítulo, não há considerações finais, mas em processo. No primeiro momento é importante destacar que o presente trabalho somou a um conjunto de pesquisas um tipo de mapeamento de situações vivenciadas pela escola, em especial pelas docentes de língua portuguesa, em área de fronteira. Este conjunto de trabalhos, certamente, serve como fortalecimento as políticas públicas voltados a estes cenários ricos e peculiares.

A pesquisa trouxe no capítulo 1 o Panorama Histórico da fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virginia/Paraguai. Para tanto, resgatamos fotos e memórias de sujeitos de etnias distintas: brasileiros, paraguaios, brasiguaios e indígenas *Guarani-Kaiowá* e *Guarani-Ñnadeva*, considerados pioneiros do “*tekohá*” fronteiriço em estudo. A saga histórica dessa fronteira, que antes não havia em registro escrito e documentado, agora, pode ser revisitada nesta pesquisa, por meio da escrita e da leitura de imagens que nele contém, retratando épocas em que a palavra oral valia muito mais que qualquer documento escrito.

Como a fronteira em foco não possui um documento escrito que narre à história da região, é fundamental frisar que o capítulo 1 se resultará em um livro, de modo a servir como material didático para as escolas de fronteira, contribuindo para o (re) conhecimento da história dessa fronteira. Além disso, contribuirá para consultas de trabalhos acadêmicos e escolares.

No capítulo 2 a contribuição deste estudo se deu ao fato de apresentar, por meio do diário etnográfico, os passos de uma pesquisa desse caráter metodológico. Nessa seção, procurou-se trazer aspectos da vida diária de um pesquisador, desde o seu aspecto embrionário, o ingresso ao Programa de Pós-Graduação em Letras, em nível de mestrado, perpassando a oficialização da pesquisa, a negociação do campo de pesquisa, a aplicação de questionários, a realização de entrevistas com sujeitos considerados pioneiros na região e de entrevistas com as professoras da fronteira, a elaboração escrita da dissertação, até chegar às etapas “conclusivas” desse trabalho herculiano.

Já no capítulo 3, pode-se verificar um Quadro que ilustra e descreve a realidade dessa fronteira em estudo, principalmente, ao que se refere aos aspectos “territoriais”, linguísticos, educacionais e culturais. São questões que julgamos ser pertinentes, uma vez que tais aspectos servem, também, para diferenciar essa região fronteiriça das

demais das fronteiras circunvizinhas. Por fim, elaboramos, de modo breve e com uma linguagem escrita didática, o percurso teórico que sustenta essa pesquisa.

No capítulo 4, trazemos o estudo de caso etnográfico de duas professoras, Laura e Sofia, que atuam diariamente no contexto de fronteira focalizado no capítulo 1. Com base na etnografia escolar, procuramos mostrar a triangulação de registros na interpretação dos dados gerados, assim descritos: I- Perfil das docentes por meio de questionário aplicado; II- A percepção das professoras com relação à produção Textual de seus alunos brasiguaios, paraguaios e indígenas e III- Entrevistas Narrativas com as professoras.

Com base nessa tríade de registros e procurando responder as perguntas de pesquisa da pesquisa, notamos um posicionamento radical das docentes com relação aos conceitos de bilinguismo, línguas e cultura de fronteira; a percepção da realidade bilíngue dos alunos e os dizeres das professoras com relação à escrita do aluno brasiguaião.

De um lado, Laura, ressaltando que não existe “brasiguaião”, ou o sujeito brasileiro ou ele é paraguaião, pois o que vale é o que o documento escrito prescreve. Evidenciando pensar, também, o exercício de não refletir a língua, produto social, nas aulas de língua portuguesa, o que evidencia deprender os resquícios de uma tradição educacional que mantém a ideia de que existe uma única forma de falar e escrever, resultando na homogeneidade da língua e no desconhecimento da heterogeneidade linguística, fato notório nessa região de fronteira.

Outro ponto que Laura nos mostra é com relação a sua posição frente à interação dos alunos durante as aulas. Segundo dados de entrevistas e conforme a fala da docente, os alunos indígenas e paraguaios não se interagem com os brasileiros. Quando questionada sobre o fato, a docente diz ser natural essa separação dos alunos, além disso, não mostrou uma atitude plausível para a compreensão da interação dos alunos, o que evidencia pensar que a docente não enxerga que a interação do aluno brasileiro é diferente da interação do paraguaião, que é diferente do indígena e do brasiguaião. Por isso, a sala de aula deve ser encarada como espaço heterogêneo, complexo e de conflito étnico, linguístico e social.

Nota-se, dentro outros parâmetros elencados no capítulo 4, a percepção de Laura com relação à escrita do aluno da fronteira, evidenciando pensar no desconhecimento da docente ao nítido apoio à língua espanhola do aluno brasiguaião, revelando uma

linguagem escrita híbrida do aluno da fronteira e ainda confirmando a ideia de bilinguismo em processo dentro do contexto escolar.

Já no Caso de Sofia, percebe-se uma percepção que ao mesmo tempo em que demonstra um nível inicial de pedagogia culturalmente sensível (Erickson (1990a/1992b/1988c), os dados evidenciam pensar uma postura radical da docente ao afirmar, em entrevista narrativa, que o aluno indígena, por exemplo, precisa de um tratamento diferenciado, com mais atenção. No olhar do pesquisador, no momento em que a docente supõe esse tratamento ao aluno da fronteira (paraguaio, brasiguaiio e indígena) sugere pensar que a professora realiza um diagnóstico desse aluno, evidenciado pensar que é necessário ter uma sala, por exemplo, só para índios.

Aliado a essa noção de tratamento diferenciado para/com o aluno da fronteira está o termo “alunos especiais”, usado por Sofia para caracterizar os alunos brasiguaios, indígenas e paraguaios. Nessa perspectiva, e no olhar do investigador etnográfico, a escola e, em especial a atuação docente de Sofia, por não saber detectar as questões de língua e as fronteiras sócio-culturais, ela acaba diagnosticando o aluno como se estivesse com uma dificuldade cognitiva, uma vez que associar o aluno indígena a “aluno especial” pode ser interpretado, dentre outros parâmetros, como o sujeito que possui dificuldades de aprendizagem.

Por fim, como observado no subtópico desta seção, as considerações, assim como a identidade fragmentada proposta por Hall (2003) continua em processo, portanto, o trabalho continua com a proposta de doutorado a fim de entender a gestão educacional e de políticas linguísticas nessa região de fronteira. Sensibilizando os gestores a uma pedagogia culturalmente sensível frente à heterogeneidade linguística da fronteira.

**REFERÊNCIAS:**

- ANDRÉ, M.E.D.A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas/SP: Papirus. 1995.
- ALBUQUERQUE, J. L. C. *A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos "brasiguaios" entre os limites nacionais*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832009000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832009000100006&script=sci_arttext). Último acesso em 24/07/2014, às 14: 00h.
- BAGNO, M. A *Língua de Eulália*. Novela Sociolinguística. Ed. Contexto. 1997.  
 \_\_\_\_\_ *Preconceito Linguístico: O que é, como se faz*. Ed. Loyola. 1999.
- BARBOSA, J. M. *Curandeirismo: Uma Abordagem Sociolinguística da Linguagem de Curandeiros Paraguaio Radicados na Fronteira Meridional de Mato Grosso do Sul*. Dourados: UEMS, 2012. 75f. TCC: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras).
- \_\_\_\_\_. *Experiências de Fronteira*. Disponível em: [http://s3.amazonaws.com/jell/trabalhos/arquivos/000/000/253/original/Artigo\\_completo\\_JELL\\_-\\_Jefferson.pdf?1373555907](http://s3.amazonaws.com/jell/trabalhos/arquivos/000/000/253/original/Artigo_completo_JELL_-_Jefferson.pdf?1373555907). Último acesso em 06 de junho de 2014.
- \_\_\_\_\_. *Análise interpretativista do Hino do Município de Aral Moreira-MS*. Disponível em: <http://www.aralmoreiranews.com.br/noticia/aral-moreira/25,6749,analise-interpretativista-do-hino-do-municipio-de-aral-moreira-ms>. Último acesso em 25/07/2014, às 12h: 09min.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. *Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PRPDF)*. Bases de uma Política Integrada de Desenvolvimento Regional para a Faixa de Fronteira. Brasília, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós Chegemu na Escola, e Agora?: Sociolinguística & Educação*. São Paulo: Parábola, 2004a.
- \_\_\_\_\_. *Educação em língua materna - a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2005b
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.
- CAMBLONG, Ana. Allá Ité. In: *Jornal La nación, suplemento Zona*. Buenos Aires, 2006
- CAMPIGOTO, J. A. *Narrativas E Culturas De Fronteira Na América Do Sul*. História Revista, [S.l.], v. 13, n. 2, jul. 2008. ISSN 1984-4530. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/6643>>. Acesso em: 25 Fev. 2014.

CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas*. Introdução à Edição de 2001. As Culturas Híbridas em Tempos de Globalização. 2001.

CAVALCANTI, M. *Estudos sobre Educação Bilíngue e Escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil*. Em DELTA, vol 15. São Paulo, 1999. p. 385-417.

DALINGHAUS, I. *Os Reflexos da falta de Políticas Linguísticas em Contextos Fronteiriços do Mato Grosso do Sul*. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewArticle/2252>> Acesso em: 25 Fev. 2014.

EBLING, Célia Fernanda Pietramale Ebling. *Falu que Sô Brassilero: Um Estudo das Vozes Sociais na Fronteira Brasil/Paraguai no Mato Grosso do Sul*. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, 2013

ERICKSON, F. *Qualitative Methods in Research on Teaching*. M. C. Wittrock. Handbook of Research on Teaching, 3, Nova York: Macmillan Publishing Company. 1990a, p. 119-158.

\_\_\_\_\_. *Ethnographic Microanalysis of Interaction*. M. Le Compte, J. Goetz et al i. The Handbook of Qualitative Research in Education. Nova York: Academic Press. 1992b. p.202-225.

\_\_\_\_\_. *Minority Education from Shame to Struggle*. Clevedon: Multilingual Matters. 1988c.

FARACO, Carlos Alberto. *Por uma pedagogia da Variação Linguística*. In: CORREIA, Djane Antonuci (org.). A relevância social da Linguística. São Paulo: Parábola Editorial: Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

FERNANDES, E.A.A. *Proyecto Escuela Bilíngue de Frontera Brembatti Calvoso/Brasil y Escuela nº 290 Defensores dol Chaco/Paraguay*. Dissertação de Mestrado – UFGD. 2012.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

FREIRE. E. *Escola Estadual João Vitorino Marques*. Disponível em: <http://www.eugeniofreire.blogspot.com.br/#!http://eugeniofreire.blogspot.com/2012/03/10032012-escola-estadual-joao-vitorino.html>. Último acesso em 29-09-2013.

FONTE: IBGE. *Censo Populacional 2010*. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1961&id\\_pagina=1pdf](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1961&id_pagina=1pdf)>. Página visitada em 18 de maio de 2014, às 04: 00h.

GOMES, S. T. *EU, TU, ELE... NÓS OUTROS: fronteiras, diálogos e novas identidades*. Disponível em: <<http://www.cptl.ufms.br/geo/revista-geo/Revista/revista12/Nova%20pasta/2.pdf>>. Acesso em 18 de jun. 2013.

GONZÁLEZ, C. M. *Diccionario de Español para extranjeros*. Madrid: Sme, 2005, p. 597.

GROSJEAN, F.. *Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1982.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 8. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARMERS, J e BLANC, M. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. -São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MAGALHÃES, L.A.M. *Um homem em seu tempo: Uma biografia de Aral Moreira*. Ponta Porã: ALVORADA, 2011.

MATOSO, A. R. A. *O bilingüísmo e a produção textual: um estudo na Escola Municipal Guarani, na aldeia Guassuty, no município de Aral Moreira/MS, 2006*. Ponta Porã: [s.n.], 2006. 52f p.

MELLO, H. A. B. *O Falar Bilíngue*. 1. ed. Goiânia: Editora UFG/CEGRAF, 1999.

MOTA, S. S. *Línguas, Sujeitos e Sentidos: O Jornal nas relações fronteiriças no final do século XIX, início do século XX*. UFSM. Santa Maria, RS. 2010. Dissertação de Mestrado.

PEREIRA, C.J. *Mídia Fronteiriça: o conceito de fronteiras culturais e a questão da alteridade*. 2014.

PEREIRA, M.C. *Naquela Comunidade Rural, Os adultos Falam “Alemão” e “Brasileiro” Na Escola, As Crianças Aprendem Português*. Um Estudo do Continuum Oral/Escrito em Crianças De Uma Classe Bisseriada. Campinas, 1999a.

PEREIRA, M.C. *A escola em contexto sociolinguisticamente complexo e o apagamento das minorias étnico-linguísticas na perspectiva do letramento*. Revista Olhar do Professor, Ponta Grossa, 5 (1): 47-56. 2002b Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68450105>>. Último acesso em 18 de jun. 2013, às 21: 00h.

PEREIRA, M. C. COSTA, R. V. *Política Linguística: O caso dos cenários bilíngues*. p. 49-66. In BORSTEL, Clarice Nadir Von. COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Linguagem, cultura e ensino. Cascavel: Edunioeste, 2011.

PEREIRA, M. C. & JUNG, N. M. *Quando o familiar se torna "estranho" e o "estranho" quase se torna familiar: duas experiências surpreendentes no campo de pesquisa.* Ciências & Letras, Porto Alegre: Fapa. 1998. p. 305-317.

PIRES-SANTOS, M. E. *Ambivalências de termos e conceitos: Implicações para a linguagem híbrida em contexto de fronteira.* Línguas e Letras: UNIOESTE. Vol.II, nº 20. 2010.

PLAFF, N. *Etnografia em contextos escolares: pressupostos gerais e experiências interculturais no Brasil e na Alemanha.* In: WELLER, W. PLAFF, N. Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: Teoria e Prática. 2ª Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011. p. 254 a 267.

RESENDE, G. *Aral Moreira.* Disponível em <http://www.geraldoresende.com.br/municipios/aral-moreira>. Página consultada em 19/05/2012 às 11h: 44min.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral.* 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SAMPAIO, I. PINTO, V. T. C & COSTA, T. *Mato Grosso do Sul.* Campo Grande: SABER, 2006.

SANTOS, E. B. *Topônimos das ruas de Aral Moreira.* S.l: s.n, 2004. 25 f.

SILVA, L. A. *A formação do município de Aral Moreira/MS: Um estudo de caso.* Ponta Porã: FIP, 2007. 45 f. TCC: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia).

SOARES, N.K.C. *A Fronteira como Espaço de Diferenciação.* 2012. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/19/nkcs.html>. Último acesso em 24/07/2014, às 15: 00h.

STURZA, E. *Línguas de Fronteiras e Políticas de Línguas: Uma História das Ideias Linguísticas.* Campinas, SP. 2006. Tese de Doutorado.

TRENKEL, M. M. *A presença gaúcha no município de Aral Moreira, Mato Grosso do Sul.* FAP, 2009. 32 f. TCC: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia).

TERENCIANI, C. *Interculturalidade e "cidades-gêmeas": novas configurações identitárias?* 2012. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/18/ct.htm>

TARALLO, F. *A pesquisa Sociolinguística.* São Paulo: Ática, 2007.

WEI, L. *Dimensions of Bilingualism.* In: Li Wei, *The Bilingualism Reader.* London; New York: Routledge, 2000.

---